

ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NÚMERO 42

Lisboa, 16 de Setembro de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Urotropina effervescente *Schering*



Refresca

porque com ela se prepara uma
bebida gazosa de sabor agradável

Evita

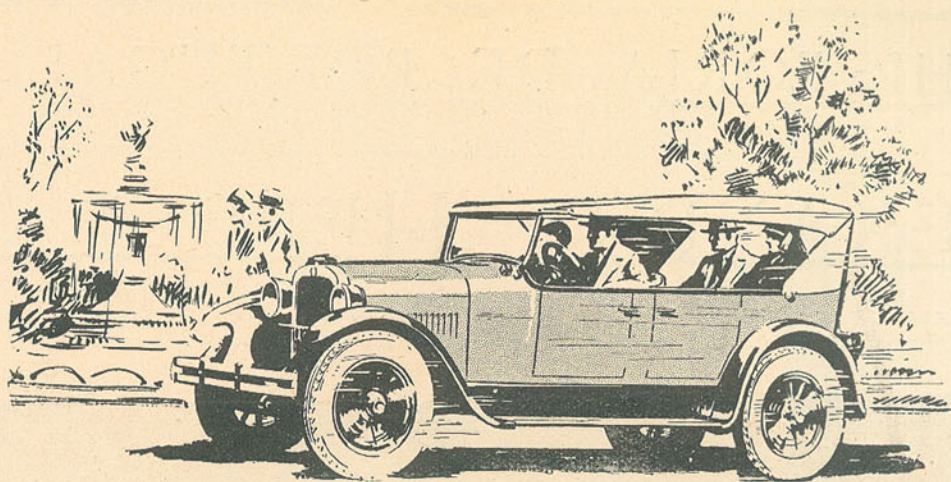
porque é o profilático mais eficaz
contra as enfermidades infecciosas

Cura

porque a Urotropina é segundo a
opinião de todos os médicos, o mais
poderoso desinfectante interno.

Insista n'este empacotamento original Schering.





UM BOM AUTOMÓVEL CONSTANTEMENTE MELHORADO

Fiéis à sua tradição de constantes melhoramentos sem a apresentação de novos modelos anuais, a fábrica Dodge Brothers acaba de introduzir importantes aperfeiçoamentos nos seus automóveis com os seguintes resultados práticos

20 % de economia de gasolina

15 % de maior rendimento

20 % de maior aceleração

Uma embriagem mais suave

Mudanças de velocidades mais macias

Direcção mais leve

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

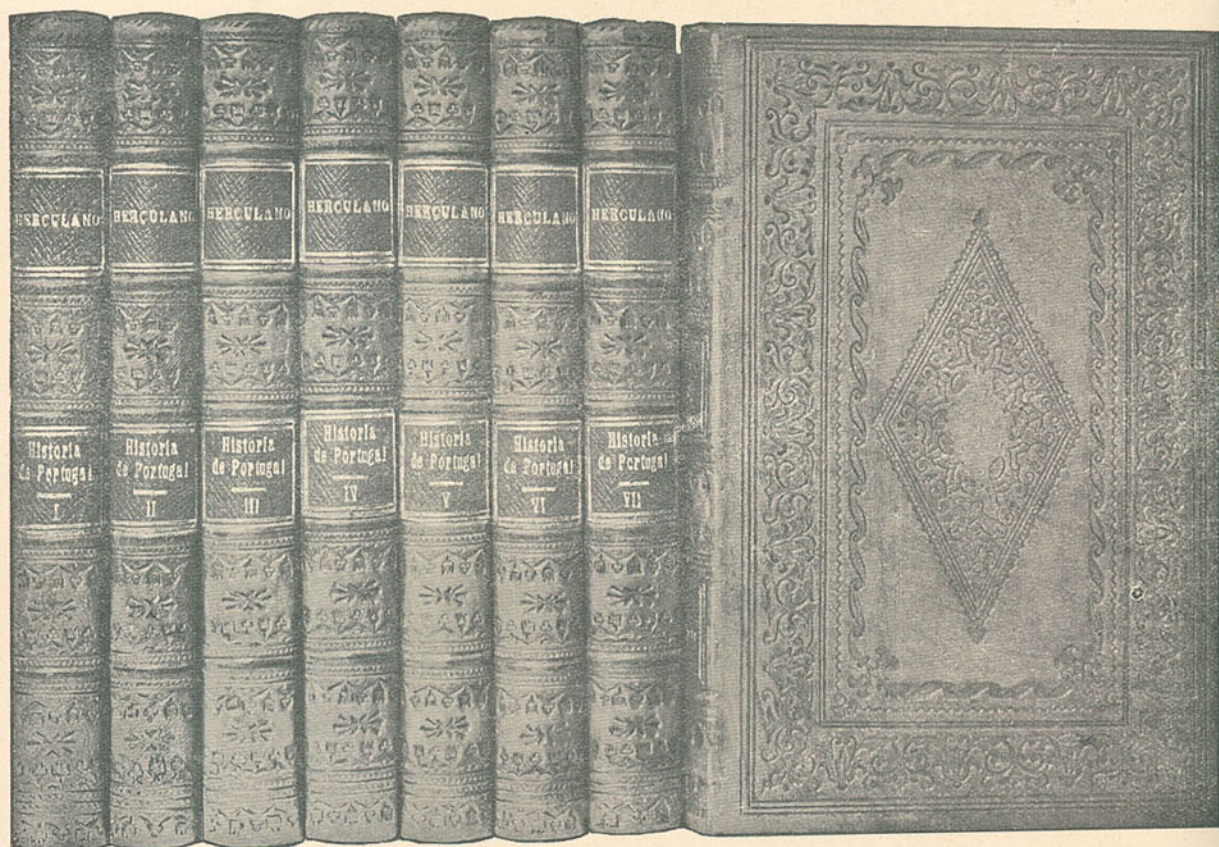
AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 × 18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM SETEMBRO O VOLUME IV

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura Esc. 10\$00
Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro Esc. 14\$00
Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
Brochado Esc. 12\$40
Encadernado em percalina Esc. 16\$40
» » carneira Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

ACABA DE PUBLICAR-SE

O ALMANACH
BERTRAND

29.^o ANO = PARA = 1928

COORDENADO POR
MARIA FERNANDES COSTA

ÚNICO NO SEU GÉNERO EM PORTUGAL

O MAIOR EXITO DE LIVRARIA E O MELHOR PASSATEMPO

PÁGINAS RECREATIVAS, AMENAS E INSTRUTIVAS

ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

UM ELEGANTE VOLUME DE 420 PÁGINAS, CARTONADO

10\$00 ESCUDOS

À venda em todas as livrarias, tabacarias, agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A QUEM DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS

EM 1 DE OUTUBRO

SERÁ POSTO À VENDA
O PRIMEIRO NÚMERO DA

“VOGA”

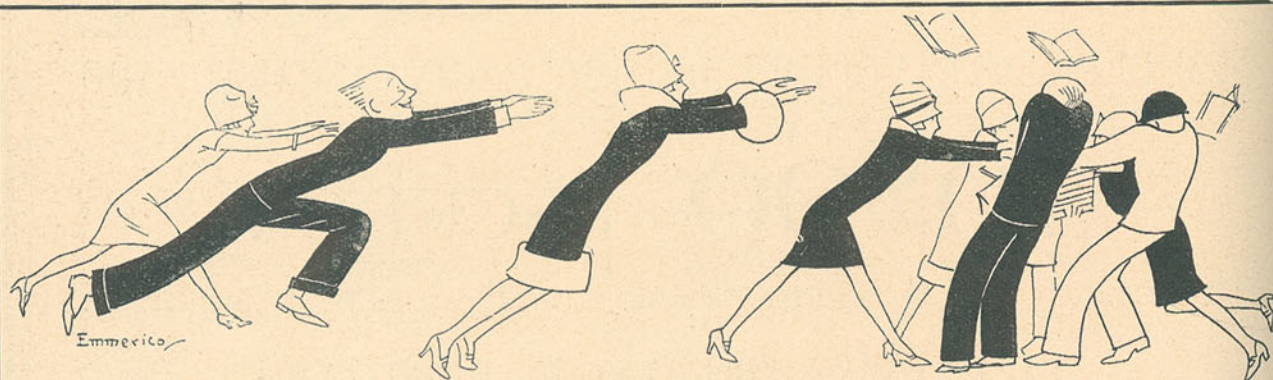
SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

PUBLICAÇÃO DA CASA AILLAUD E BERTRAND

Esta nova publicação da casa AILLAUD e BERTRAND, destina-se a preencher a falta dum grande jornal português onde as senhoras possam encontrar a par duma boa e sã leitura, receitas absolutamente garantidas, conselhos sôbre assuntos de ménage, páginas de crítica, de arte, de literatura, de sport, etc.

A página central de cada número é consagrada à Grande Moda, sendo profusamente ilustrada com os modelos dos grandes costureiros franceses e americanos. *Voga* é impresso em 16 páginas de magnífico papel e tôda a sua colaboração é cuidadosamente escolhida de forma a poder substituir com vantagem as revistas similares estrangeiras.

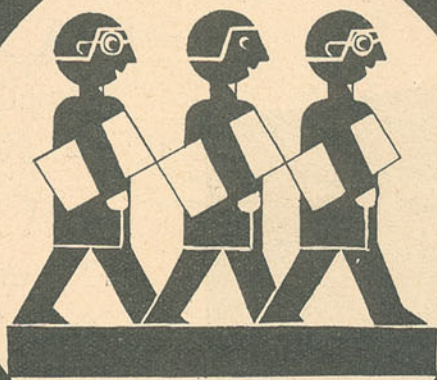
PRIMEIRO NÚMERO EM 1 DE OUTUBRO



Foi posto á venda mais um numero do

MAGAZINE

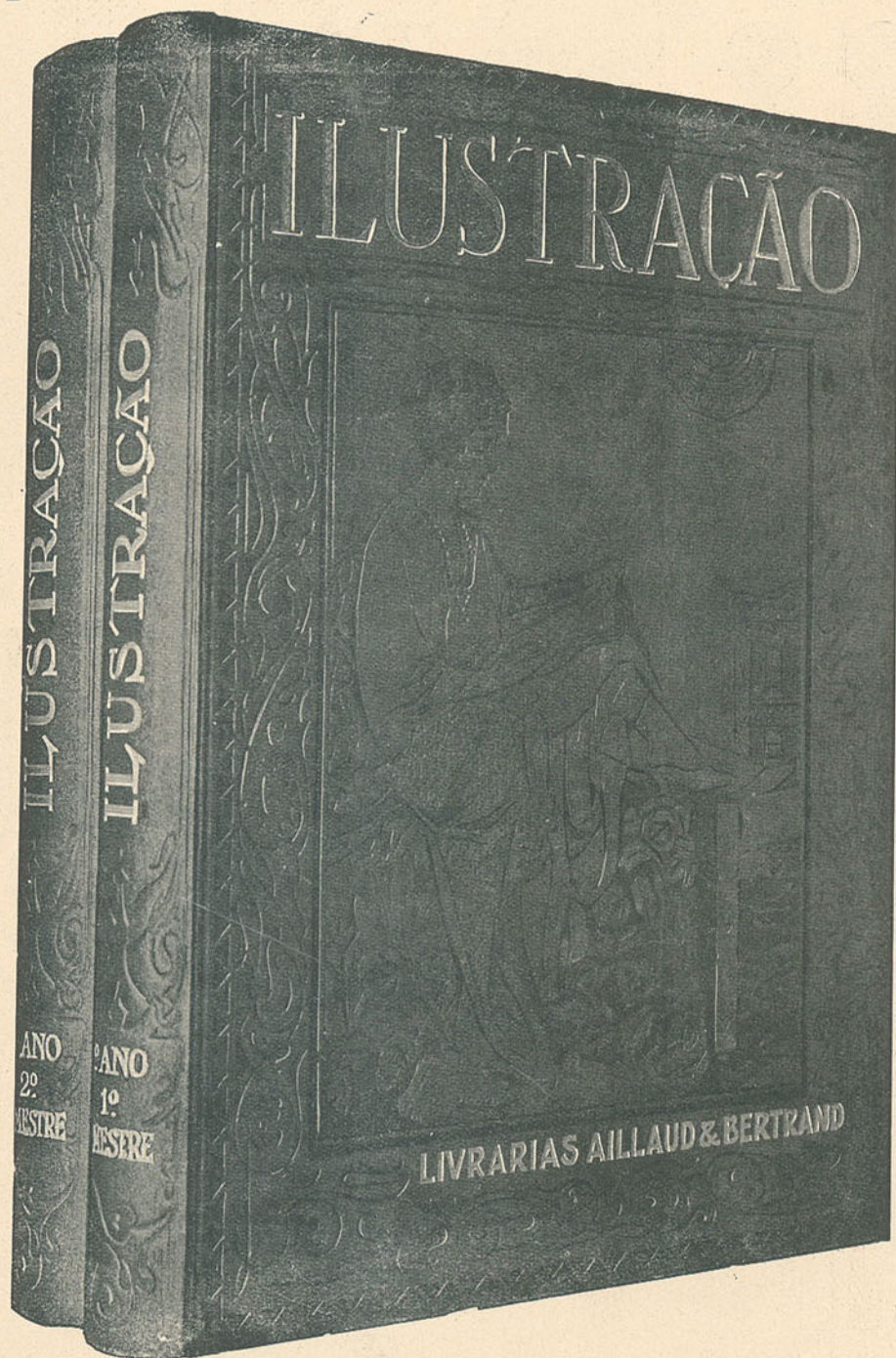
N.º 9 BERTRAND N.º 9



BERTRAND IRMÃOS
FOTOGRAVADORES
LDA CONDESSA DO RIO
LISBOA
TEL. 96

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DA



I ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

II ANO

1.º Semestre

Cada volume
encadernado

ESC. 68\$00

Capa em percalina
com ferros especiais
por cada volume

ESC. 12\$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20\$00

■ ■ ■

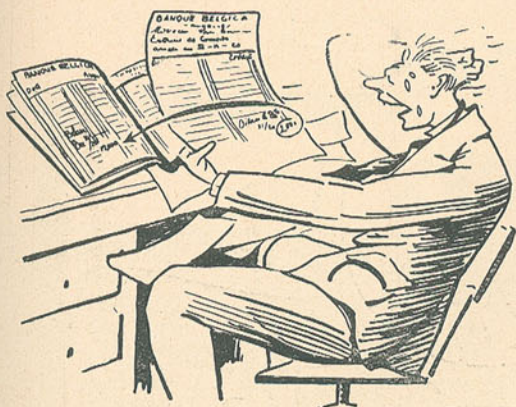
Pedidos aos editores:

LIVRARIAS
AILLAUD
E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 3 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25—Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, os números 13 a 24 para o 2.º volume e os números 25 a 36 para o 3.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.



Roubado!!...

Não hesiteis na compra de uma maquina «TODD» para proteção dos vossos cheques.

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10
Rua 1.º de Dezembro, 60

LISBOA



Até as Crenças o Tomam com Agrado.

Que com'dia, ou antes, que tragedia para fazer as crenças tomar qualquer purgante de sabôr desagradavel! Os saes de fructa "Eno" não lhes inspira a menor repugnancia, gostando até do seu sabor espumoso e refrigerante. O ENO é um laxativo efervescente tão inofensivo quanto eficaz; abre o apetite e facilita, sem violencia, o bom estado, do intestino, condição essencial á saude.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositaros em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C.º LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



ASSINAI A ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM

A MAIS INTERESSANTE E INSTRUCTIVA
DAS PUBLICAÇÕES FEITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Na ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM, a imagem metódica-mente agrupada numa secção ordenada e lógica, ensinamos mais e melhor do que a mais extensa explicação.

A ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: *História, Geografia, Sciencias, Arte, Literatura, etc.*

A cada assunto ela consagra um volume maravilhosamente ilustrado com 150 gravuras acompanhadas de um texto claro, fácil, atraente e apenas de 64 páginas. A colocação destes volumes formará a Enciclopédia mais rica e mais interessante até hoje publicada.

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1.º Geografia: RAÇAS HUMANAS
- 2.º História: JOANA D'ARC
- 3.º Ciências: OS ANIMAIS

Preço de cada volume 3\$50 — UM VOLUME POR MES



ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM
**AS RAÇAS
HUMANAS**

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

Depositaros em Lisboa: LIVRARIAS AILLAUD e FERTRAND
73 — Rua Garrett — 75



**para a
lubrificação
perfeita
do seu carro**

Lembre-se!

CYB

- quando comprar gasolina,

de Auto-Gazo

Vacuum Oil Company

RUA DA HORTA SECA, 15-17 - TELEFONE TRINDADE 980 (7 LINHAS) E SUAS AGENCIAS.



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25--Lisboa

DIRECTOR :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO :
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 42

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE SETEMBRO DE 1927



JÚLIO MONTEIRO AILLAUD

CHEFE DAS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND E UM DOS FUNDADORES DA «ILUSTRAÇÃO»

FALECIDO, EM PARIS, A 10 DE SETEMBRO DE 1927

JÚLIO AILLAUD

A morte de Júlio Aillaud, que nada fazia prever tão próxima, enlutou as letras portuguesas, que o prantearão por longo tempo. Se não há risco de que se desmorne a obra formidável que ele realizou como livreiro-editor, deve-se isso à firmeza inteligente com que ele a alicerçou, e à escolha dos seus colaboradores, que terão agora encargo da sua direcção suprema.

Ninguém melhor que Júlio Aillaud, tinha a compreensão nítida do papel social que a um editor compete, não apenas fabricante de livros para expor à venda, mas representante do público junto dos autores, tácitamente obrigado a dar publicidade a obras que valham por qualquer título, devendo tornar difícil, senão impossível, a impressão de borracheiras artísticas, científicas ou literárias, desgraçadamente abundantes nesta época de baixo e feroz mercantilismo que vamos atravessando.

A ambição máxima de Júlio Aillaud era contribuir, na mais larga medida, para fazer subir o nível intelectual do povo português, quasi a rasar o cixo das abecissas, para nos servirmos duma linguagem que lhe era simpática e familiar — a linguagem matemática. Foi assim que ele empreendeu a publicação duma antologia portuguesa, proficientemente dirigida pelo dr. Agostinho de Campos, não se poupando a gastos para que o empreendimento patriótico tivesse um êxito completo. Grande foi o seu desgosto, vendo que o público não mostrava interesse pela Antologia, cuja publicação cessou, para mais tarde, em melhor ocasião, recomençar. E este desgosto não resultava das perdas que a Antologia lhe acarretava; resultava do facto de se mostrar o público absolutamente desinteressado duma obra que muito deveria contribuir, ilustrando os espíritos, para fortalecer o sentimento patriótico, para erguer o *tonus* da alma nacional.

Com o mesmo alto desígnio pensava Júlio Aillaud em publicar uma história crítica da literatura nacional, obra vasta que não poderia ser realizada senão pelos esforços conjugados de muitos trabalhadores, competentes e de boa vontade. Esses homens ele saberia escolhê-los, e por seguro temos que os escolheria sem outra preocupação que não fosse a de aproveitar as aptidões mais bem definidas, as capacidades mais sólidas e afirmadas, em termos que no vasto e grandioso monumento que se propunha erguer não houvesse banalidades de trólia maculando belezas arquitectónicas. Surpreendeu-o a morte antes de dar, sequer, um começo de realização a essa obra, que os seus colaboradores de ontem, os seus sucessores de hoje, considerarão devidamente, sem esquecerem que ela seria um digno

monumento erigido à sua inolvidável memória.

Pouca gente sabia das habilitações oficiais que tinha Júlio Aillaud, bacharel em letras e ciências matemáticas e físico-químicas pela Universidade de Paris. Para o grande público ele era o Aillaud do Chiado, livreiro-editor que editava e vendia livros, dono ou sócio principal duma grande livraria, senão a mais importante, uma das mais importantes de Portugal. As pessoas que com ele tratavam, ainda que não vivessem na sua intimidade, essas é que sabiam que ele não era apenas um comerciante de livros, como a maior parte dos livreiros, um industrial de livros, como a maior parte dos editores, sem horizontes intelectuais que fôsem além da sua loja e oficina. Bastava a conversa de alguns minutos para logo se ver que Júlio Aillaud era uma pessoa muito inteligente e muito culta, particularmente instruído nas matérias que estudara na Sorbonne, onde se bacharelara, mas acerca de qualquer assunto dissecando com lúcido entendimento, muitas vezes dando às suas reflexões ponderosas o ar de interrogações quasi tímidas.

Conhecia perfeitamente os clássicos modernos e antigos; era um apaixonado das Humanidades, cujo intenso cultivo tinha por necessário à formação dum espírito, que fôsse ao mesmo tempo crítico e construtivo. Era-lhe familiar o grego, e traduzia desembaraçadamente o latim. Os clássicos portugueses, bem como os franceses, eram das suas íntimas relações, mas não os media todos pela mesma bitola, antes escrupulosava em atribuir a cada um o valor relativo que seria injustiça não lhe atribuir.

Considerando a língua um dos mais valiosos elementos ou factores da nacionalidade, o velho Aillaud, patriota da mais pura essência, sofria de ver o português tratado como um idioma em formação, sem plasticidade para a expressão exacta de todas as ideias ou sentimentos, sendo por isso lícito a qualquer alterá-lo ou adulterá-lo ao sabor dos seus gostos ou caprichos. Homem instruído como era, bem sabia que a língua, organismo vivo e complexo, não se furta à lei da evolução, inalterável na sua estrutura como se fosse um rochedo das idades primitivas que milagrosamente se mantivesse, no desenrolar dos séculos, fora das múltiplas influências do meio cósmico ou físico. Não, ele não queria que se escrevesse hoje, em Portugal, como se escrevia na Renascença, por exemplo; mas queria que entre o português de então e o de hoje houvesse sucessão natural e lógica, termos de transição que sem alterarem a natureza, a essência da língua, marcassem as fases duma evolução pro-

gressiva, sem os acrobatismos idiotas que procuram a originalidade na estravagância, convencidos de que ser original é fazer o que os outros não fazem, e não, como dizia Silva Pinto, fazer o que os outros não seriam capazes de fazer, ainda que o quisessem com a melhor boa vontade.

Reconhecendo a insuficiência do seu apetrechamento tipográfico, insuficiente para o largo desenvolvimento que pretendia dar ao seu comércio e indústria, Júlio Aillaud não hesitou em sacrificar muitas centenas de contos à montagem de oficinas tipográficas que serão, uma vez completa a sua instalação, as melhores, as mais perfeitas, as de mais considerável rendimento do País. Elas eram, nestes últimos tempos, a sua paixão absorvente, a sua preocupação de toda a hora — o seu enlêvo de namorado na idade em que todos os amores são perigosos, tão curta é a distância do sublime ao ridículo.

Nem já o prendia, como dantes, o seu Dicionário, que todavia ele desejava concluir, certo de que lhe sairia das mãos uma obra digna do seu nome, útil para os estudiosos, e além de tudo mais sendo uma contribuição de valor, no futuro, para quem se der ao estudo da filologia comparada, sendo um dos termos de comparação a nossa língua, e o outro a língua francesa, de que ele tinha um profundo conhecimento.

Pretendia inaugurar as suas oficinas com uma festa elegante, para a qual seriam particularmente convidados os seus autores, os seus editados, entre os quais ele distinguia com particular estima e mais elevada consideração, Aquilino Ribeiro. Eu era um dos convidados para essa festa, embora ainda não fôsse um dos editados da Casa Aillaud, e nela teria de dizer sobre Aquilino Ribeiro, o que ao meu juízo de admirador ditasse a minha afectuosidade de amigo.

Nunca o velho Aillaud me falou de Aquilino que não fôsse com uma ternura de pai, orgulhoso de ter pressentido o seu enorme talento de homem de letras logo nos seus primeiros ensaios de literatura.

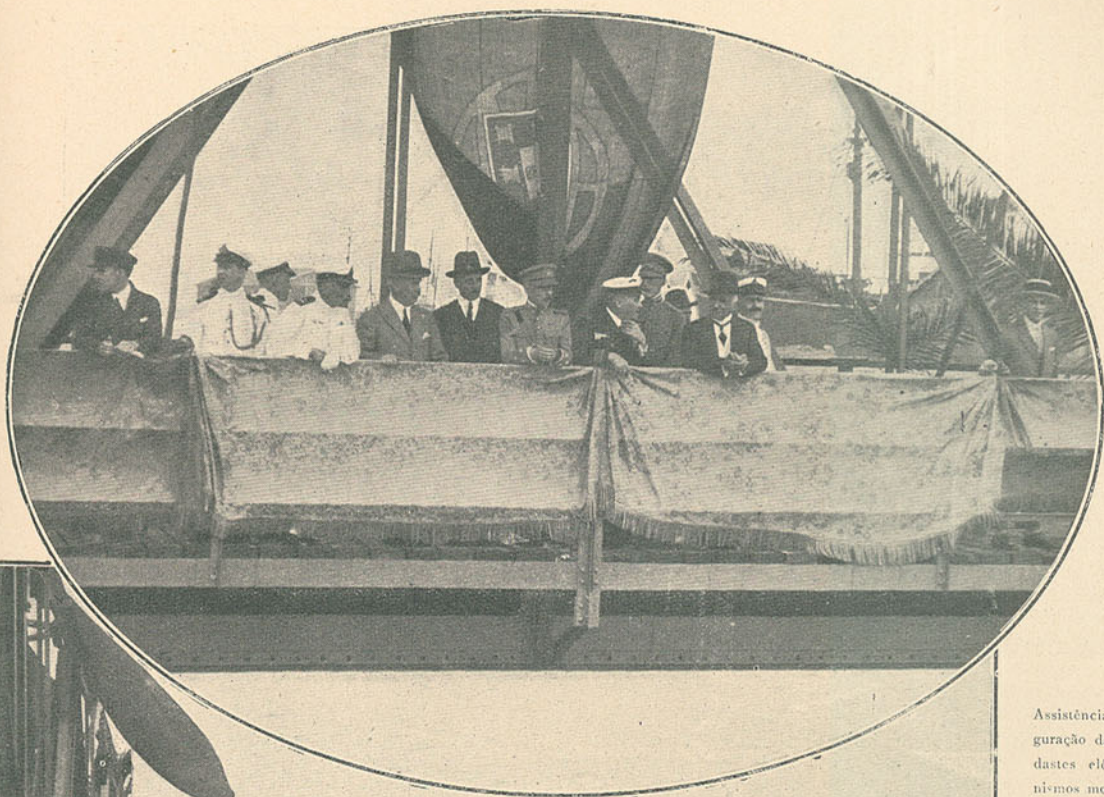
Pobre Aillaud!

Vimo-lo partir para França, em Junho, alegre porque ia retemperar a saúde, cheio de confiança no tratamento que ia fazer, puramente médico, certo de que teria ainda uns poucos anos de vida útil, a consagrar aos seus trabalhos predilectos.

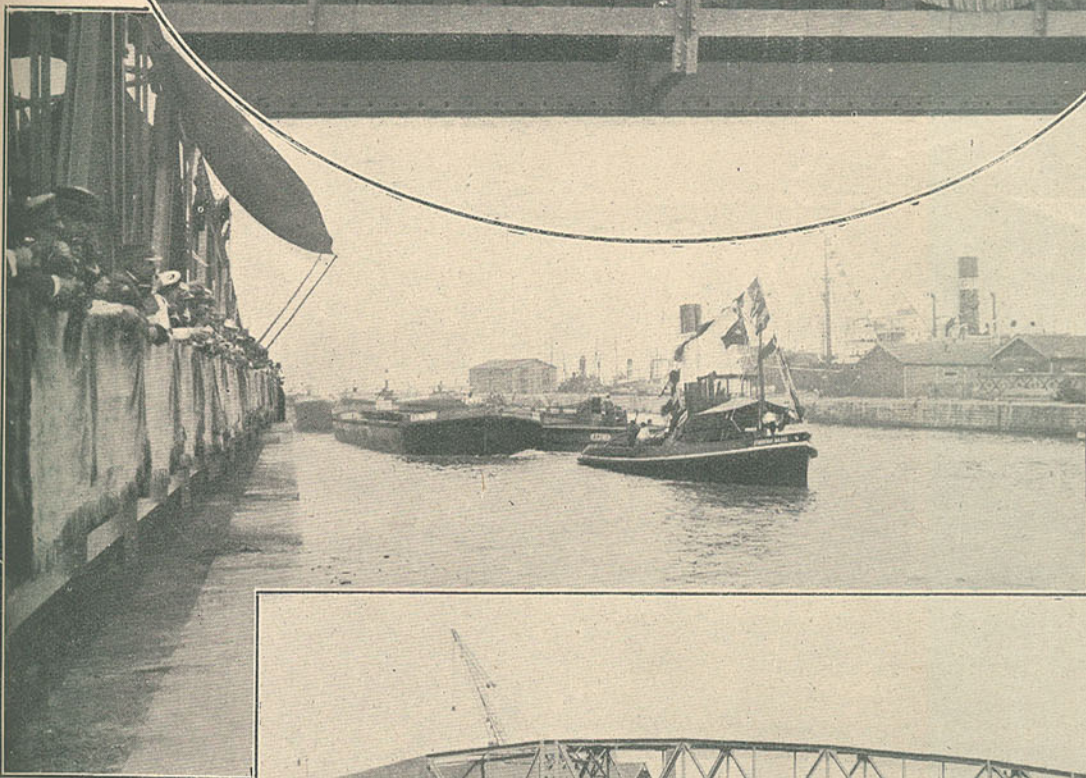
Não tornarei a vê-lo, e sabe Deus com que máguia entrarei agora na Livraria, sabendo que não mais ele virá lá de dentro, das profundezas do seu gabinete, para descansar, conversando comigo!

BRITO CAMACHO.

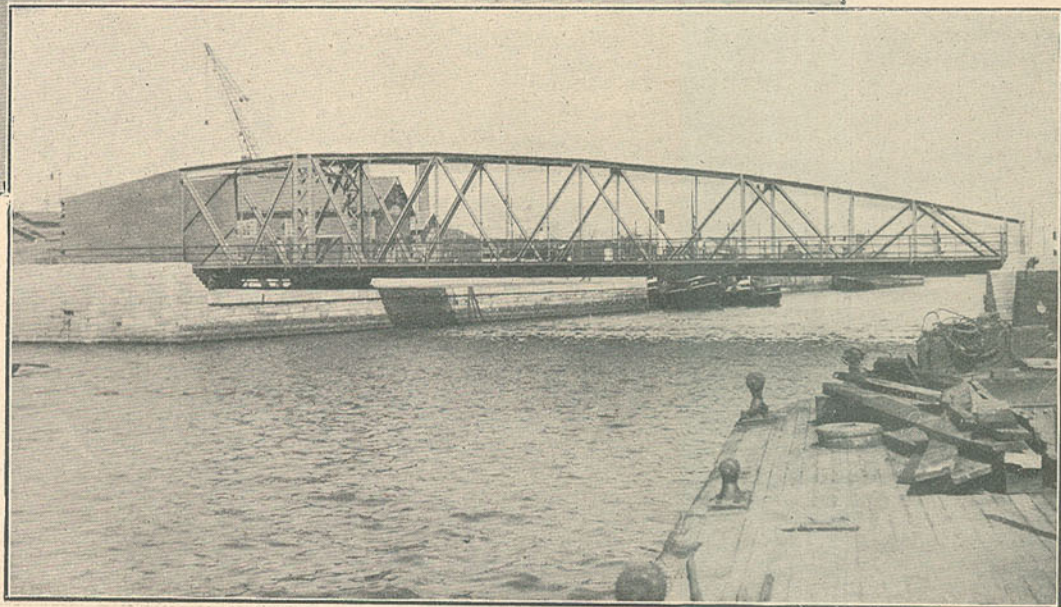
ACTUALIDADES



Assistência oficial à inauguração da ponte e guindastes eléctricos, maquinismos modernos com que acaba de ser dotado o porto de Lisboa



Na doca de Alcântara: os primeiros barcos que entraram, depois da inauguração da ponte móvel



Aspecto da ponte móvel da doca de Alcântara, importante trabalho de engenharia e de metalurgia, que constitui um dos importantes meloramentos do porto de Lisboa

ACTUALIDADES



EM CIMA: No consulado brasileiro, no Porto, realizou-se um banquete comemorativo do aniversário da independência do Brasil, a que assistiu o Encarregado de Negócios, em Lisboa, sr. dr. Lafayette de Carvalho e grande número de membros da colônia brasileira

AO CENTRO: Em Espinho, dois grupos de banhistas.

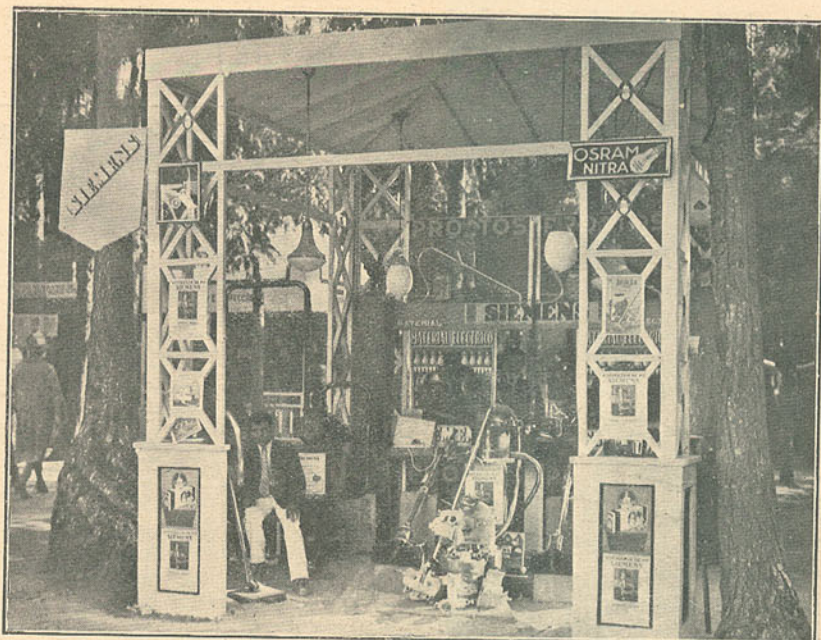
EM BAIXO: Na praia do Molhe, em S. João da Foz, a hora do banho reúne à beira-mar grande número de crianças



A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA

O Stand da CASA SIEMENS, LT.^a, de Lisboa, Rua da Prata, 108, 2.º e Porto, Rua das Carmelitas, 12, que expôs nas Caldas da Rainha, *Aspiradores de pó*, Siemens-Protos; *Encerradores*, Siemens-Protos e *Electr.-Bombas*, Elmo, assim como *Geradores*, *Transformadores*, *Mot. r.s.* e *Dinamos*, e a quem o Júry conferiu o diploma de MEDALHA DE OURO

O Stand dos srs. J. ANÃO & C.^a, LT.^a, de Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 376, 2.º e Rua dos Retroseiros, 58, representando as *máquinas de escrever* «Torpedo» e das *Filas e papel* marca «Crown» e fabricantes de *Peles para Confecção*, cujo mostruário foi admirado com grande interesse por todos os visitantes. O Júry conferiu à firma J. ANÃO & C.^a, LT.^a dois diplomas de honra



A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA



A comissão promotora da V Exposição das Caldas da Rainha



Interior do stand dos artistas, na V Exposição das Caldas da Rainha

COMO SE VERANEIA ... EM LISBOA

Para onde foi, para onde foi esse pudor que enrubescia a cara do alfacinha surpreendido em Lisboa nos dias cálidos de verão?

Os panoramas geórgicos, as veigas floridas, as suaves ondulações dos outeiros de Portugal já não exercem no espírito do lisboeta a fascinação que exerciam outrora, mal a teia de fogo do estio envolvia a cidade?

E as praias mundanas, com o encanto do mar tecendo na areia folhos de espuma? Perderam o seu poder sobre o espírito do homem urbano?

Há agora, em pleno verão, tanta gente em Lisboa, que eu, impenitente observador da alma cidadina, pergunto a mim próprio, nestas noites de fanfarras e luminárias, se as praias terão veraneantes e se as árvores campestres se sentirão humildes, como antigamente, ante os chapéus policromos e as toilettes bizarras das mulheres em vilegiatura...

«Oustrora — dizem com voz sonora aqueles que já contaram sobre a minha idade, com esse gesto de quem faz tinir moedas de bom metal, mais cinco ou seis lustros — logo que chegava o verão, logo que as torneiras abertas, de água davam apenas uma lagrima comprida, igual a essas que os caricaturistas fazem baloiçar nos olhos chorosos dos caricaturados, todos que tivessem a posição social dum amanuense, abandonavam Lisboa e partiam para o campo ou para as praias. E quando o não podiam fazer, fechavam-se em casa, para que ninguém conhecesse aquêle delicto social, para que todos supusessem que eles se encontravam, de facto, a

veranear... Hoje recebem-se visitas durante todo o ano; então, de Julho a Outubro, ninguém teria a coragem de descerrar a sua



AS EXPLANADAS DE ALGÉS: Cerveja e brisas do Tejo

porta a um amigo, nem que fôsse dos mais íntimos... Felizes tempos esses, meu caro Ferreira de Castro! V. é muito novo e não conheceu a comoção dessa época...

drama de quem finge ser rico sem ter dinheiro... E compreendo muito melhor a sinceridade do lisboeta meu contemporâneo que, quando não pode ir veranear para o campo ou para as praias, vem veranear, à noite, para a Avenida da Liberdade...

*
*
*

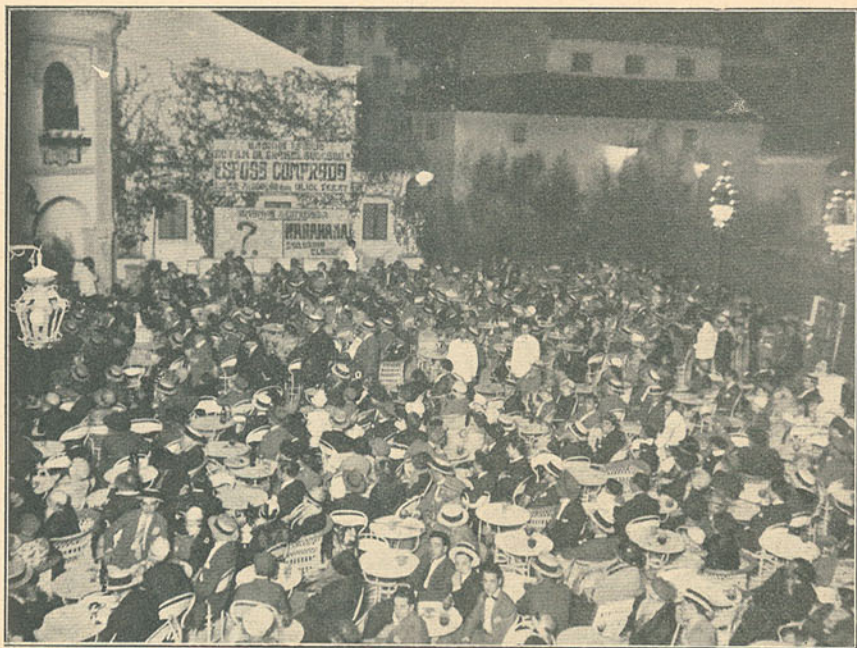
Estou a ver os que me leem deitados à sombra pacífica duma velha árvore, ouvindo, como nas novelas românticas, o gorgoejo das aves e o sussurrar da folhagem, ou à sombra das barracas de lona, em conjunto de aguarela inglesa, sorrirem um sorriso cheio de superior benevolência para aqueles que das paisagens estivais tem apenas uma ilusão nas explanadas da Avenida.

Não me perturba, porém, esse sorriso evocado duma boca feliz e ousado afirmar, iconoclasticamente, que estes veraneios entre o parque Mayer e a praça dos Restauradores começaram a aristocratizar-se; deixam de ser «pires» para serem pires e chávina — chávina elegante de chá das cinco e de chá da meia noite, em dia de recepção...

Por aqui deambulam os artistas e os intelectuais, os que fazem opinião, lançam modas e impõem ideias. E as praias e os campos principiaram já a sofrer dessa falta de preferência dos artistas, que dum momento para o outro podem gritar que o elegante, o moderano, não é ir para fora de Lisboa, coisa que podem fazer todos que tenham dinheiro,



A EXPLANADA DA AVENIDA DA LIBERDADE: Limonadas e a valsa da «Viuva Alegre»



NO AVENIDA-PARQUE: Cinema e refrescos

e sim ficar em Lisboa para ludibriar, com requinte, o verão, de maneira a que ele chegue a possuir o encanto do inverno...

De verão, a vida múltipla das cidades contemporâneas, que exige a presença quotidiana daquêles que nelas labutam, vai tornando necessidade imprescindível o triunfo daquela moda corrente de bom gosto — e outra coisa não significa o desenvolvimento vertiginoso da linha de Cascais, que é a primeira experiência da tão ambicionada quinta com porta para o Chiado...

* * *

Vários são os pontos que o alfacinha escolheu para recreio estival. Os mais concorridos são as explanadas da Avenida — mesas brancas de ferro, música e lâmpadas policromas, como seios púberes e incandescentes. Ali se aglomeram, nas noites quentes, aquêles que não puderam ir dulcificar as agruras do verão em qualquer recanto anónimo da província ou nas praias da costa portuguesa. Debruçados sobre os gelados coloridos, estão nessa atitude de quem perdeu uma esperança e dir-se há que escutam ainda, ao longe, o apito do comboio que os devia levar para fora de Lisboa...

Veem para ali famílias completas e no espírito dos adolescentes aquela noite fica marcada como sendo de festa — e vulgar é ouvir-se, nos bairros modestos, as raparigas dizerem às suas amigas, com êsse orgulho de quem gosou um prazer que nem a todos é permitido: «Estive ontem no Parque Mayer... Já foste lá?»

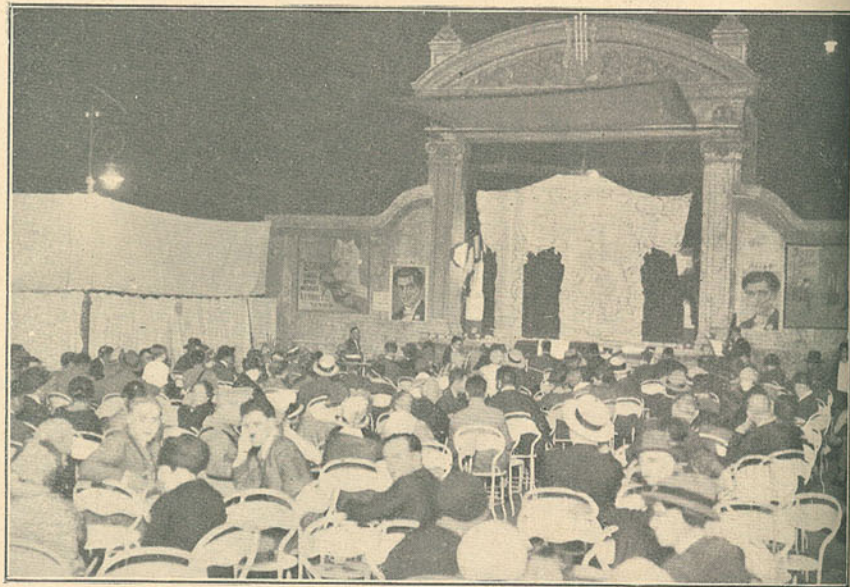
Há nesta pergunta um pequenino sentido de vingança, que difficilmente compreendem aquêles que olham desdenhosamente para a entrada do Parque, cansados já de terem visto as maravilhas das sete partidas do mundo...

Há mesmo certas damas arrojadas que se colocam à porta, à espera de que um cavalheiro, valendo-se do privilégio de poder en-

trar acompanhado por senhoras, tenha a gentileza de ser para elas o «Abre-te Sésamo!» do Parque.

Lá dentro, entre a turba-multa dos que jogam o xadrez com a alegria, fingindo que jogam a valer, descobre-se de quando em quando, muito comprometido por ser apanhado em flagrante delicto de nivelamento social, um ou outro vulto de categoria, que não sabe como há-de passar a noite em Lisboa.

Os mais pacientes tomam o «eléctrico» e vão para Algés, onde a ilusão de praia é maior e onde existem até uns mancebos que, para essa ilusão ser mais completa, vestem, talvez de acôrdo com a Camara Municipal de Oeiras, calças e sapatos brancos... Os pavilhões, embriagados de luz, parecem dispostos para um concurso que há-de procla-



RIBAMAR: Carapinhadas e números de variedades

mar qual dêles é o mais belo e concorrido. E de quando em quando sai da treva que há na margem do rio, fardado, um oficial da marinha mercante, que parece ter brotado, como na mitologia, das próprias águas...

Mais discreto que Algés é o Campo Grande — campo de pequenos idílios, propício a indivíduos scismáticos e a pessoas que ao mar preferem o lago, com seus barquitos e com a ilha engalanada do seu «bar».

As vezes, dum alto cipreste que há no meio do parque, um moço agoira triste fim à alegria reinante; mas nisto faz-se ouvir o ruído dum automóvel e todos os que se divertem, ao admitirem a hipótese de que podendo ter sido atropelados, o não foram, esquecem o canto da ave fatídica...

* * *

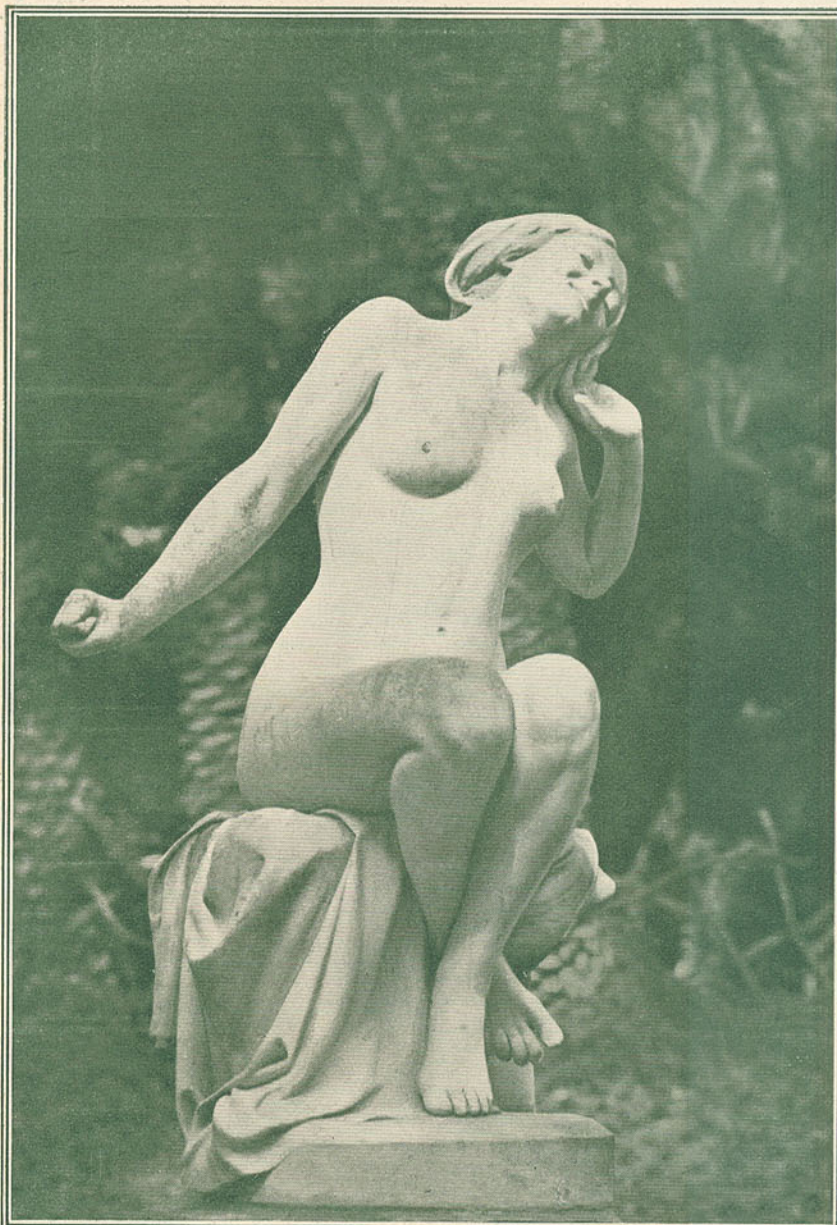
O mais forte sintoma de que a maioria da população não se desloca para veranejar, são essas mesas e cadeiras de ferro que nestes dias de verão surgem à porta de todas as pastelarias, leitarias e cervejarias que existem em Lisboa.

É na Estefânia, é em Almirante Reis, na Estrêla, nas Avénidas novas e até no Poço do Bispo, onde dir-se ha que no verão se despreza o vinho para se adcrar a cerveja...

A Avenida da República, desde a Praça Saldanha até ao Campo Pequeno, é, nestes dias foragidos dos trópicos, um autêntico trecho de praia ou termas elegantes. Tem os seus *bars*, o seu *picadero*, o seu *club* — e numerosos grupos de veraneantes, aos quais não faltam sequer as crianças, que são a grande desculpa de todos que vão veranejar para fora de Lisboa...

Todavia — e aqui se rectificam as opiniões formuladas neste artigo — toda esta gente traz escrito no saudosismo dos olhos que está impondo a moda de ficar na cidade durante o verão, só porque não pode seguir a moda antiga, só porque não pode, como os outros, abandonar Lisboa...

FERREIRA DE CASTRO.



DESPERTAR — Simões de Almeida (SOBRINHO)

MÁRMORE

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



FIGUEIRA DA FOZ — FORTE DE SANTA CATARINA

A CASA PORTUGUESA

TORRE DE SAN PATRÍCIO (MONTE ESTORIL)

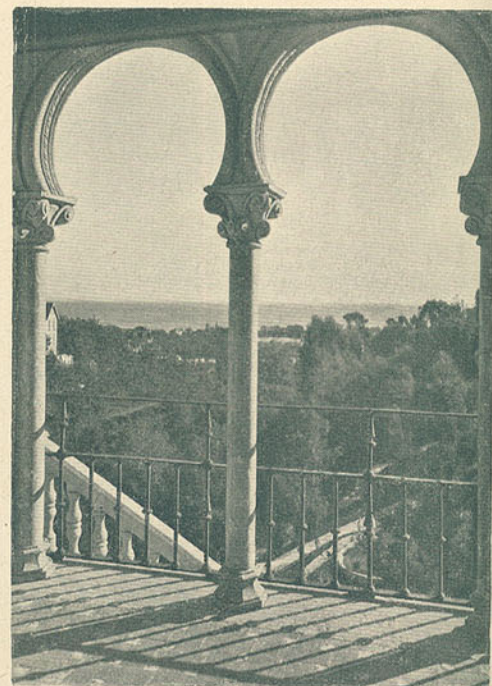
PROPRIEDADE

DA SR.^a D. MARIA ISABEL FERNANDES O'NEILL



É ORIGINAL, O CLAUSTRO CUJAS ARCADAS FLORIDAS NASCEM DA ÁGUA TRANQUILA E SILENCIOSA. ESTE JARDIM AQUÁTICO QUE NOS PROÍBE DE TRANSPÔR A QUADRA DÁ AO RECINTO ESTRANHO ENCANTADO E UMA CURIOSA NOTA DE RECOLHIMENTO

A ENTRADA É QUASI AUSTERA, COM SUAS FORMAS MEDIEVAS, COM SEU AUTÊNTICO AZULEJO ANTIGO



ESTE ASPECTO SUGERE-NOS A JANELA DE QUALQUER VELHO CASTELO NO ALENTEJO, TAM DESAFOGADO É O PANORAMA QUE DAQUI SE DISFRUTA, TAM GENUINAMENTE MUDEJAR É A FORMA DOS ARCOS QUE O SOL POENTE INUNDA.



Cinematografia



Os índios Sioux, escoraçados para o Norte pelos rostos-pálidos, colonizadores da Pradaria e grandes caçadores de bisões, tinham-se reunido e feito o juramento solene de que o Dakota seria a sua última fronteira, a derradeira linha a ser transposta pelos brancos. No entanto, como vissem a «colônia» fronteiriça, fundada recentemente por Tom Kirby, explorador a sôlido do governo e alguns pioneiros, aumentar dia a dia a sua população e temendo, por isso, que o seu derradeiro território fôsse invadido, aprestam-se a defendê-lo palmo a palmo.

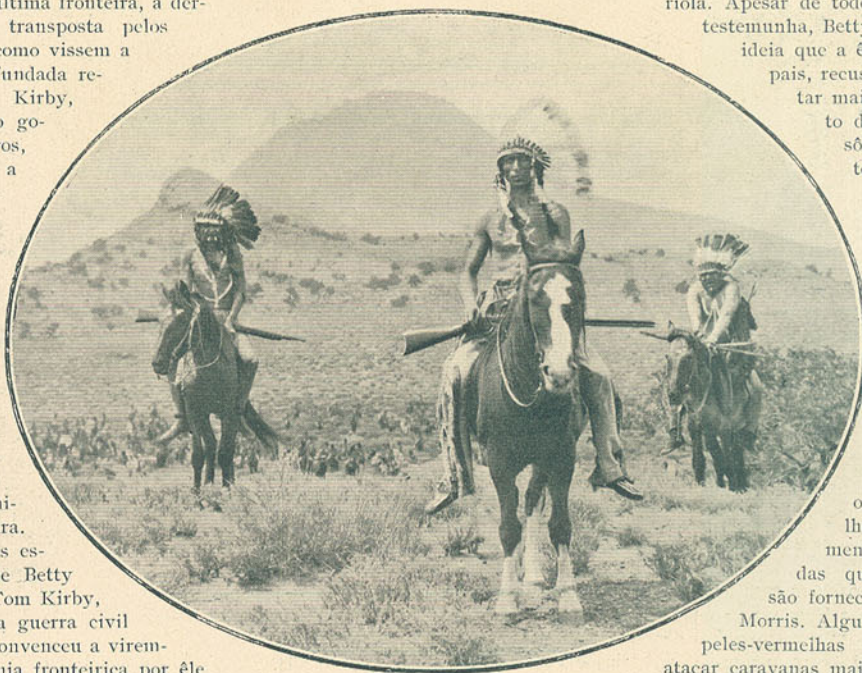
Continuamente, como um grande rio de gente e apesar dos perigos que ali se correm, as caravanas de pioneiros dirigem-se para os limites da última fronteira. Numa destas caravanas estão o pai e a mãe de Betty Halliday, a noiva de Tom Kirby, velhos rendeiros que a guerra civil arruinou, e que Tom convenceu a virem-se estabelecer na colônia fronteiriça por ele fundada. Esta caravana, desgraçadamente, e por traição dum mestiço, é atacada pelos pele-vermelhas e durante o encarniçado combate, são mortos o pai e a mãe de Betty.

Tom, prevenido do desastre por Wild Bill, guia da caravana atacada, corre imediatamente ao local do combate mas apenas en-

contra a pobre noiva chorando sobre a campa dos seus pais. Tenta prodigalizar-lhe palavras de consolação mas Betty, atribuindo-lhe

riga à feitoria e faz com que a recolha o abastado Lúge Morris, a quem toda a gente considera um homem íntegro quando, na verdade, se trata do mais repugnante mariola. Apesar de todo o amor que Tom lhe testemunha, Betty, sempre obcecada pela ideia que a ele se deve a morte dos pais, recusa casar com ele e habitar mais tempo naquêlre recanto do mundo, onde caíram sobre a sua pobre cabeça todas as desgraças. Estas ideias são também apoiadas velhacamente por Lúge, a quem a linda rapariga agrada sobremaneira.

Entretanto a revolta começa a desenhar-se ameaçadoramente. Os índios esperam apenas, para um levantamento geral, contra os rostos-pálidos, que lhes chegue um carregamento de novas espingardas que, precisamente, lhes são fornecidas pelo infame Lúge Morris. Alguns pequenos grupos de peles-vermelhas continuam, porém, a atacar caravanas mais desprevenidas e Tom Kirby, em companhia do célebre Buffalo Bill, seu amigo e camarada, ao defender uma dessas caravanas, encontram no cadáver dum indivíduo desconhecido alguns papéis que provam a saciedade que Lúge Morris é o traidor que vende espingardas aos Sioux. Correm ambos à feitoria, castigam duramente



Os índios Sioux, grandes caçadores de bisões...

a culpa do sucedido, pois a ele se deve que os pobres velhos tivessem tomado parte na caravana, repele-o ásperamente. Então Tom, resignado, faz conduzir a desesperada rapa-



A desvelada Betty chorava sobre a campa de seus pais...



Lúge Morris encorajava Betty a repudiar Tom Kirby...

o infame e expulsam-no para o deserto rochoso.

Mas Lúge volta clandestinamente e no intuito de se vingar de Tom, decide Betty a segui-lo, partindo com ela no mesmo dia em que os índios decidiram um terrível ataque à colônia fronteiriça utilizando para isso os bisões, feras temíveis em medonhos bandos que conseguiram juntar e que, espantados e acossados, se precipitam como uma tromba esmagadora sobre a feitoria e os seus habitantes. Entretanto Buffalo Bill e Tom Kirby, prevenidos da revolta dos peles-vermelhas, saíram com os seus homens ao encontro deles e é

com pavor que avistam o louco tropel de muitos milhares de bisões que se precipitam sobre a colônia.

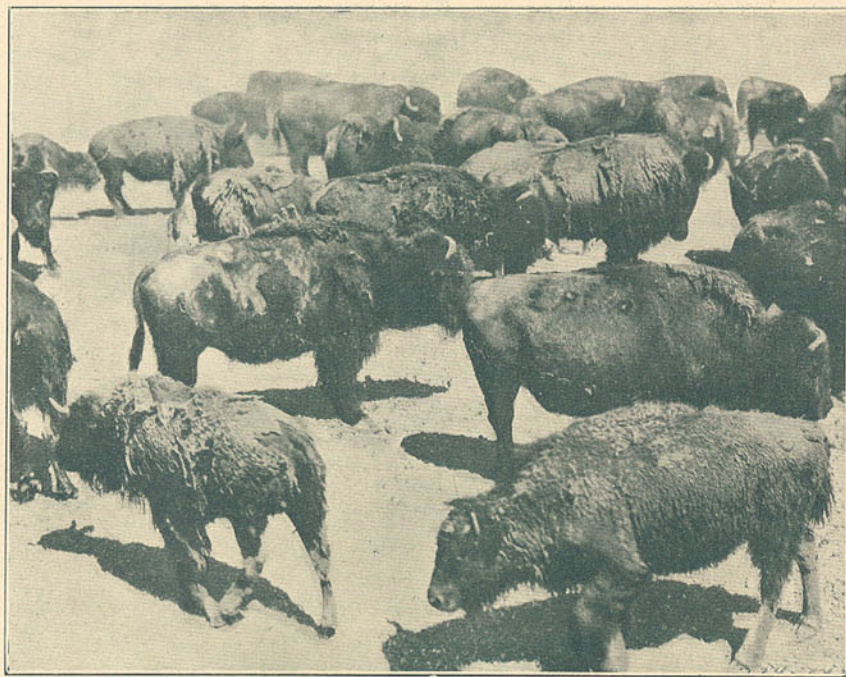
Enquanto Buffalo Bill parte à desfilada para prevenir os habitantes do perigo que correm, Tom vê a noiva, Betty, que vagueia desorientada pela pradaria porque Lúge a abandonou para mais facilmente se pôr a salvo dos bisões.

Para salvar a mulher a quem ama na vida acima de tudo, só resta a Tom uma coisa a tentar: a divisão do imenso rebanho de feras que, chifres em riste, correm sobre eles. Tom, a tiros de carabina de repetição, afrontando valentemente a morte, consegue efectivamente que os bisões se separem em dois grupos que passam como furiosos vendavais a um e outro lado dos dois noivos abraçados.

Enquanto se regista esta peripécia heroica, por seu lado, Buffalo Bill e os seus homens, ajudados pela soldadesca da pequena guarnição dum forte próximo, conseguiram cercar os índios rebeldes e derrotá-los sangrentamente. A revolta estava gorada e apurou-se que a única vítima dos bisões fôra o próprio Lúge Morris que não conseguira, a tempo, fugir à morte terrível por esmagamento. Betty compreendeu a sua alucinada teimosia em não ver o amor de Tom, a quem se une pelo casamento.

É este filme, «A última fronteira», um dos mais belos sobre o eterno tema americano das lutas iniciais dos colonizadores america-

nos com os peles-vermelhas, habitantes primitivos das regiões a civilizar. Foi E. Mason Hoper quem se encarregou da brilhante encenação deste filme, surpreendendo pelo poder de realização as scenas magnificas, colossais, do tropel do rebanho monstruoso de bisões e da luta do heroico Tom Kirby contra a temível avalanche, luta realizada sem truques e em que o jovem artista William Boyd com a sua companheira Marguerite de La Motte, esta no papel de Betty, jogaram temerariamente a vida com heroísmo verdadeiro e verdadeira abnegação pela sua arte.



Os índios juntaram grandes rebanhos de bisões...



E Betty entregou por fim o seu amor ao valente rapaz que a salvava

Também é um trabalho notabilíssimo o do popularíssimo cavaleiro Jack Hoxie, reproduzindo de forma empolgante a silhueta característica do lendário Buffalo Bill, herói de mil aventuras nas pradarias do Oeste virgem. Também o cotadíssimo Farrell Mac Donald faz parte do elenco desta grande película, editada pela P. D. C.

* *

Parece que Charlie Chaplin entrevê agora o desenlace da comédia, trágico-comédia talvez, do divórcio que contra ele solicitou a cubiciosa e pouco simpática Lita Grey. A antiga figurante que o maior cómico

do mundo ergueu até à sua gloria universal, parece triunfar. Depois de muitas negociações parece que o grande artista, farto ou enojado de tanta chantagem, anuiu ao seguinte pacto de conciliação: pagamento de oitocentos mil dolares e a posse das crianças conferida à mãe com a condição de o pai as poder ver duas vezes semanais.

* *

Raymond Escholier, o escritor subtil que desempenha amorosamente o lugar de conservador do museu Victor Hugo, está dando os últimos retoques a um argumento cinematográfico: «Vida de Victor Hugo», tendo como colaborador directo o neto do grande poeta, João Victor Hugo. Será uma grande firma francesa que realizará o curioso filme.

* *

Nos estudos de Cecil B. de Mille, em Culver City, houve um incêndio de certa importância que causou prejuizos de meio milhão de dolares, cobertos pelo seguro.

* *

Ramon Navarro, o artista preferido das senhoras, o herói de Scaramouche e de Ben Hur, vai talvez professar num convento do México. Eis uma notícia, à primeira vista inacreditável, mas que pode muito bem tornar-se numa realidade pois Ramon Navarro é dum religiosismo que toca o fanatismo e tem um irmão padre e algumas das suas irmãs freiras professoras.

TEMPO DE PRAIAS



AFIRMAVA A TROVA DO HILÁRIO QUE «O MAR TAMBÉM TEM MULHER». COM O ANDAR DOS TEMPOS VEIU A AVERIGUAR-SE QUE, PELO MENOS, O MAR TAMBÉM TEM EXIGÊNCIAS DE «TOILETTE». ASSIM, HÁ BANHISTAS QUE, ANTES DE ENTRAR NA ÁGUA, NÃO ESQUECEM, SEQUER, UM RETOQUE DE «ROUGE» NOS LÁBIOS

OS «BONS DIAS» AO MAR AMIGO. EM VEZ DE LHE ESTENDEREM A MÃO, ESTENDEM O PÉ PARA EXPERIMENTAR A TEMPERATURA DA ÁGUA. DE QUALQUER FORMA, ESTA CERIMÓNIA INICIAL É UM «PÉ» PARA TOMAR BANHO

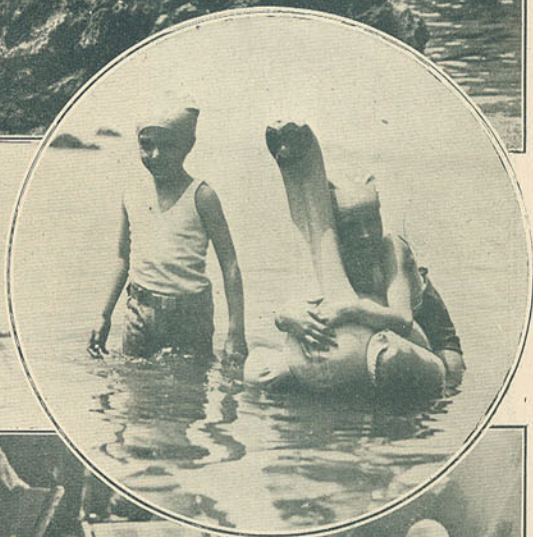
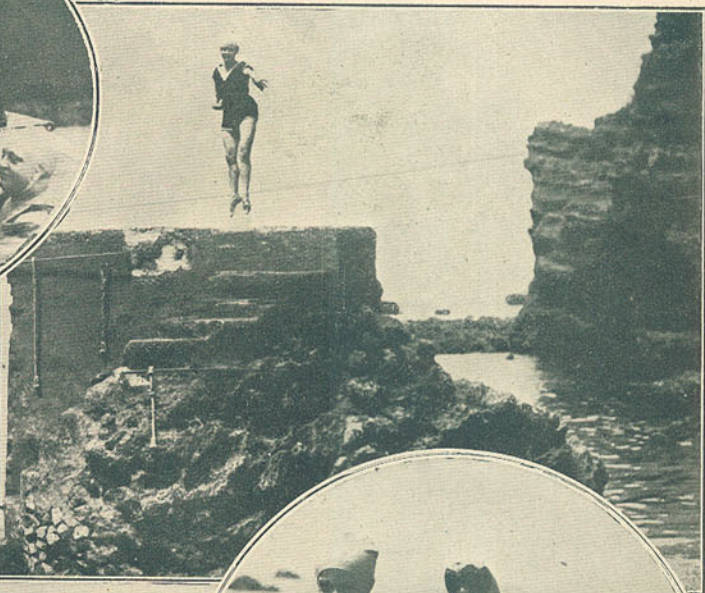
NAS PRAIAS ALEMÃS



EXERCÍCIOS DE DESPORTO E
BRINCADEIRA Na oval: prova-se
que a força da mulher é tanta que
levanta um mundo, em ponto pequeno;
à direita: uma linda invasão. Ao
centro, a difícil e divertida «corrida
do ovo». Em baixo, à esquerda: uma
galante equilibrista; à direita: a ale-
gria de viver traduzida em afe-
ciosos sorrisos

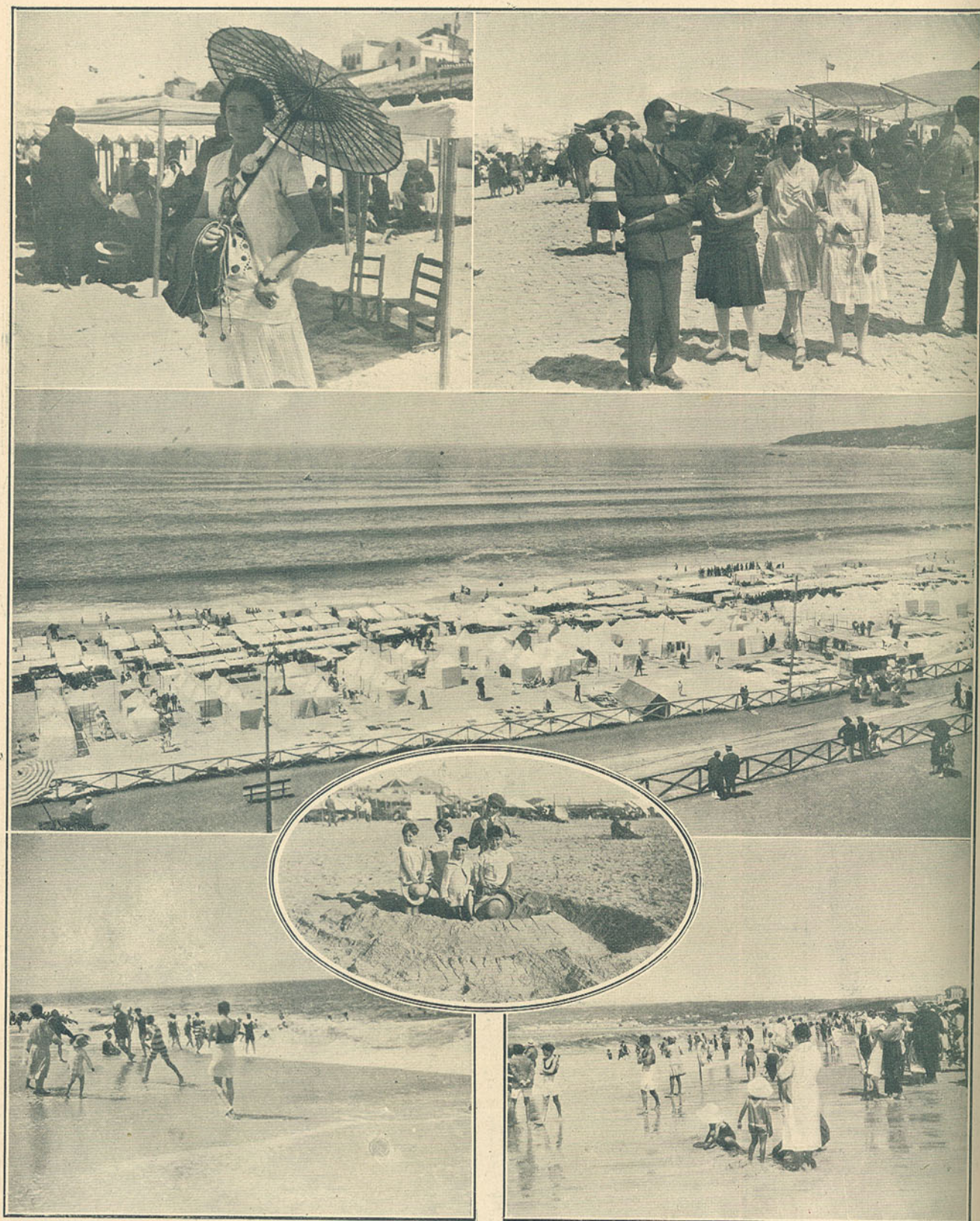


BIARRITZ E DEAUVILLE



As quatro fotografias superiores, incluindo a oval e o medallão, representam aspectos da elegante Biarritz, uma das mais favorecidas praias francesas. — Em baixo: Um recanto da aristocrática Deauville, tão rijamente batida pelos últimos temporais, que esteve condemnada a ficar deserta. Felizmente o sol voltou a dourar Deauville e com ela a animação dos banhistas, como a nossa gravura fixou

FIGUEIRA DA FOZ



A Figueira é uma das mais frequentadas praias de Portugal. Neste mês coincidem as duas correntes: a espanhola e a portuguesa.
As nossas gravuras mostram o seu actual «povoamento» e a sua animação

A COSTA DO SOL

ASPECTOS DOS ESTORIS E DE CASCAIS



TÔDA A VASTA COSTA PORTUGUESA, QUE O OCEANO RECORTA EM PRAIAS FRESCAS E CLARAS, VIBRA NA ANIMAÇÃO DA QUADRA DO VERANEIO, QUE SETEMBRO MARCA. À BELEZA DAS LINDAS MANHÃS E DOS LONGES MARÍTIMOS, PERLADOS DE BRUMA, SE ALIA, NUM SUAVE CONJUNTO, A BELEZA CASTA DAS MULHERES DE PORTUGAL. PELAS CONDIÇÕES NATURAIS, PELA PROXIMIDADE DE LISBOA, PELAS TRADIÇÕES DE ARISTOCRACIA E ELEGÂNCIA, GANHAM RELÉVO NA ANIMAÇÃO DOMINANTE AS PRAIAS DOS ESTORIS E CASCAIS, A FORMOSA COSTA DO SOL — DO SOL PORTUGUÊS, QUE IMPARCIALMENTE DOURA A MORENA PELE DAS FORMOSURAS PENINSULARES, E A ALVURA LÁCTEA DAS LOURAS «MISS», QUE NUMEROSAMENTE CON-

CORREM A BANHAR-SE NA LARGA ENSEADA AZUL.

A COSTA DO SOL

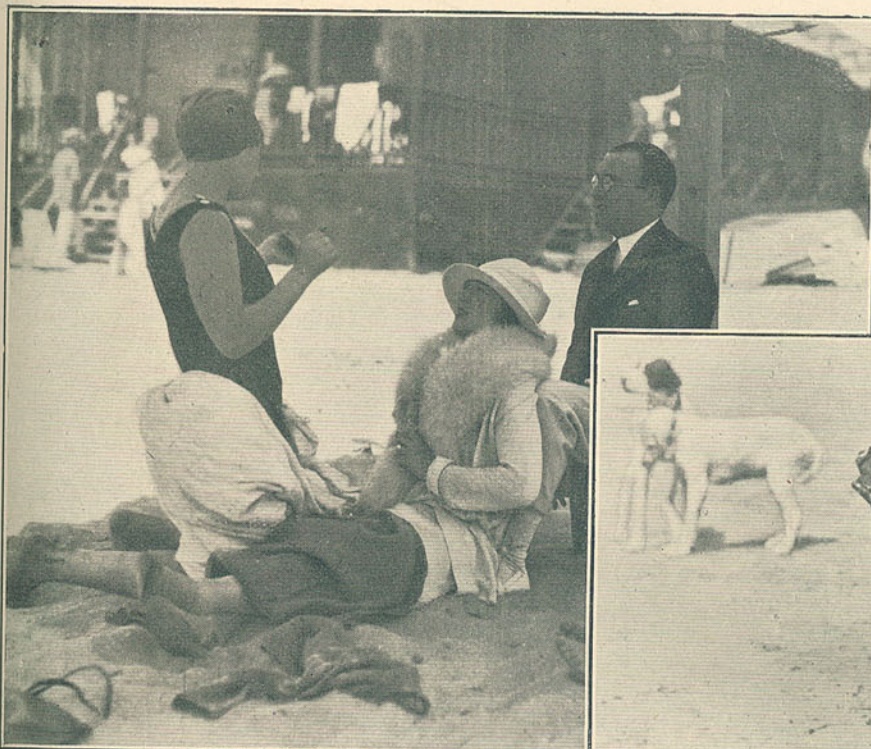


O «hábito instintivo de deprimir a Pátria», de que, no «Mandarin», nos fala Eça de Queirós, nada tem pod do contra a beleza dos Estoris — hoje, com tanta propriedade, designados pela «Costa do Sol». O panorama observado do Monte Estoril tem, como o mostra a nossa gravura, perspectivas de «coisa lá de fora», expressão grata ao prurido cosmopolita de que enferma o português, em geral e o que é viajado, em particular

Uma amizade fiel e dedicada, que nem a aproximação do fotógrafo perturba

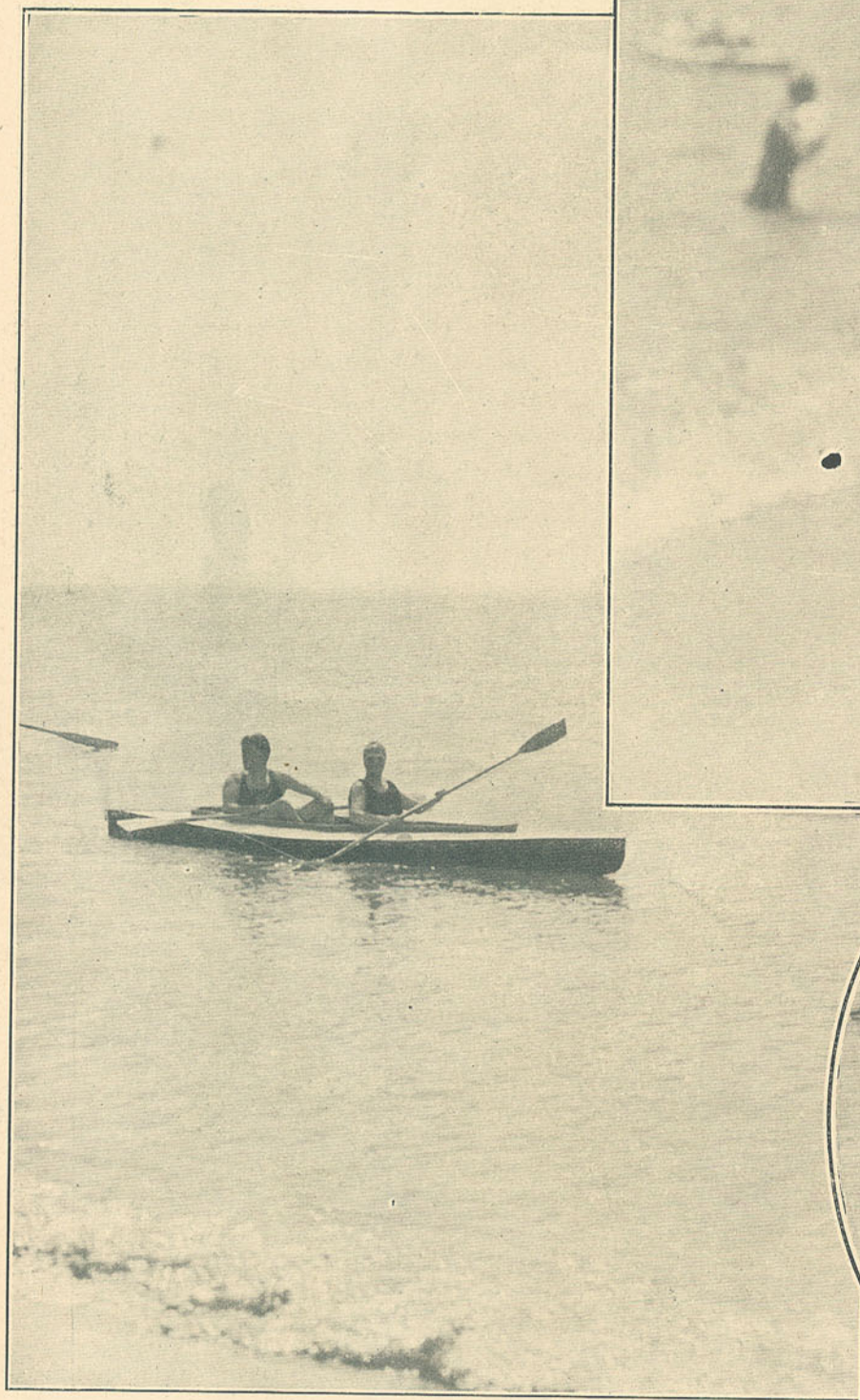
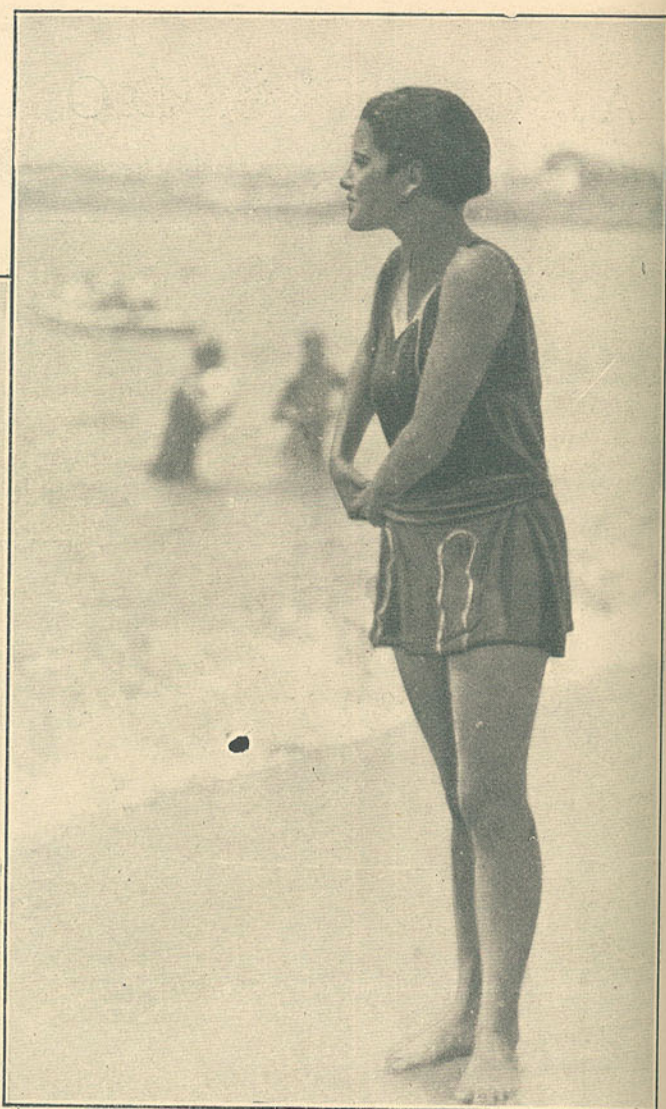
Antes do banho de mar, um banho de ar puro, e de claro sol

A COSTA DO SOL



EM CIMA: Sob a exígua sombra do toldo, uma narrativa que é acolhida com a mais interessada atenção. O que estará contando a banhista airoso? Proezas de natação? Historias de polvos sinistros, como a *Pieuve*, de huguesca memoria? Ou, mais simples e naturalmente, estará reeditando os *potius* da praia? — À direita, na torreira inclemente do sol já alto, duas elegantes *habitués* da praia olham a beleza dos longes ou as formosuras d'ê perto. — EM BAIXO: Refugiada sob o toldo, uma família, que não é exagero dizer-se numerosa, cumpre um dos deveres do bom verancante: paassar a manhã na praia

A COSTA DO SOL



Mar e céu... o grandioso e desola o panorama de todos os navegadores. Felizmente, para este casal de intrépidos remadores a praia está perto e nela os amigos que lhes aplaudem a serenidade e a perícia de nautas, bastante costeiros. — Uma linda silhueta sobre um fundo de bruma cor de pérola. Parece consultar o Mar ou, então, procura a certeza dum hombro amigo a que apoiar-se, quando, cansada de nadar, se deixe embalar maternalmente pelo relar da vaga. — Uma afadigada construtora de suntuosos castelos de areia, carregando materiais

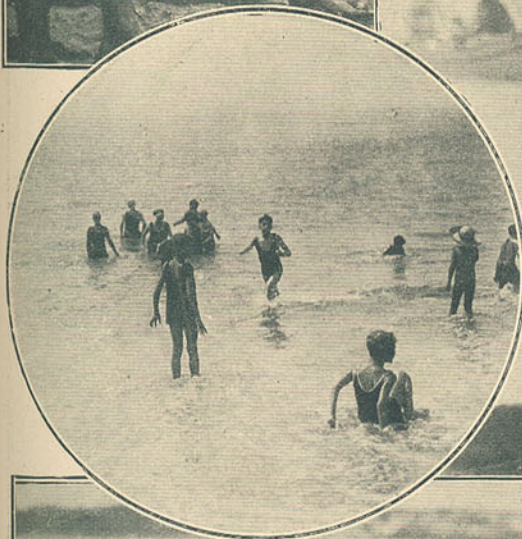
A COSTA DO SOL

Um pouco de palestra amena antes do banho

Os que não tomam o mar a sério, porque tudo para eles é brincadeira

Uma senhora a quem não assusta a árdua tarefa de remar

Os grupos que a «praia» forma e o Mar dispersa



A COSTA DO SOL



EM CIMA. *A' esquerda*: Os primeiros passos... na água. *A' direita*: Por ares e ventos ou a forma de praticar a aviação, sem perigo e sem «Junkers». — *No medallão*: Uma senhora que se entretém a enxugar o Mar com um lençinho minúsculo. — EM BAIXO. *A' esquerda*: A leitura interrompida ou uma conversa a respeitosa distância, com a assistência dum casaco... vazio. *A' direita*: O mais claro, franco, aberto, comunicativo e assoalhado riso de toda a Costa do Sol

NAZA- R É E S. MAR- TINHO DO PORTO



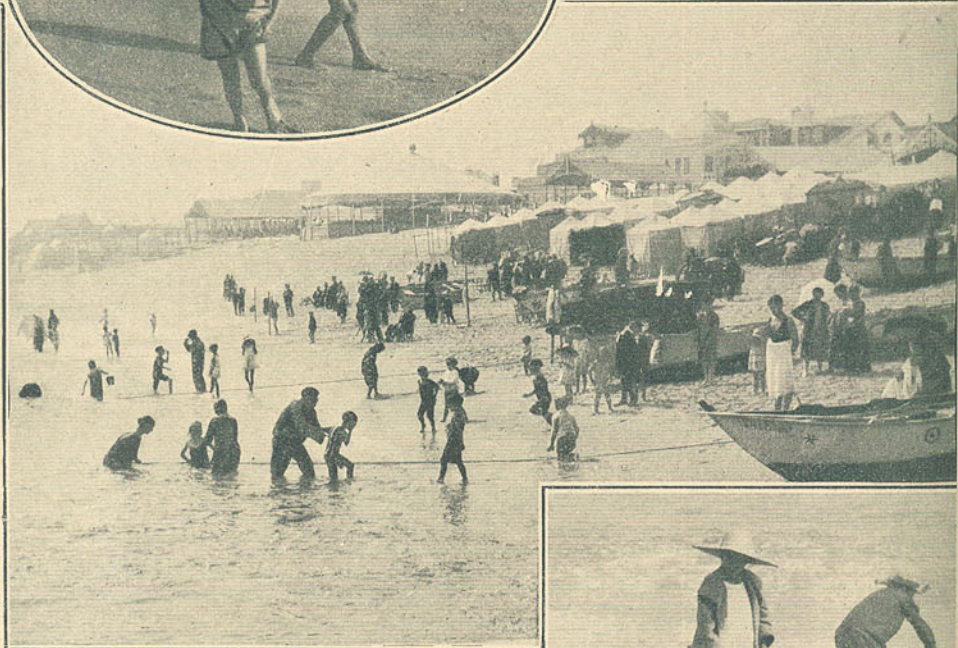
EM S. MARTINHO. — Dois banhistas ociosos que acham que o trabalho é uma grande virtude... nos outros

NA NAZARÉ. — Ao centro: Aspecto do pitoresca praia, que às belezas naturais junta as da tradição do suave milagre de D. Fias Roupinho. — Em baixo: aqueles para quem o Mar não é o divertido veraneio, mas a rude lida da luta pelo pão de cada dia — pão que, neste caso, é peixe

POVOA DE VARZIM



EM CIMA. À esquerda. Está reunido o congresso; à direita: solicitude de banheiros, arrelia de fotógrafos; na oval: Desafiando o Mar... para a terra; ao centro: Um aspecto da praia da Povoia de Varzim, à hora do banho; EM BAIXO: à esquerda: Outro aspecto da praia, à hora do passeio; à direita: Uma banhista intrépida, que só volta as costas ao mar para avançar resoluta contra a objectiva do fotógrafo

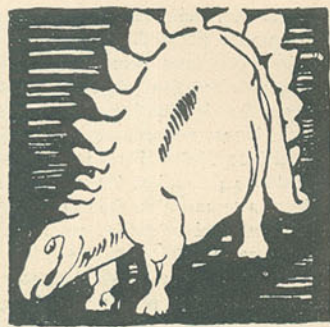




O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 41)

— Espero, meu caro Summerlee, que, depois da demonstração, que lhes farei, do poder do meu balão, não hesitarão em confiar-se a ele.

— Não pense mais nisso — replicou Summerlee, com decisão. — Nada no mundo poderia levar-me a praticar um acto tão desrazoável. Quero crer, lord John, que não encorajará uma tal loucura?

— Muito engenhoso! — disse lord John. — Gostava de ver funcionar esta máquina.

— Vai ver — disse Challenger. — Durante muitos dias apliquei todas as minhas faculdades cerebrais à resolução do problema da nossa descida. Sabíamos que não existia um caminho para abandonar o planalto; sabíamos também que do planalto para a agulha rochosa, donde viemos, não tínhamos nenhum meio de passarmos o abismo. Portanto, como sair daqui? Há tempos fiz notar ao nosso amigo Malone que estes charcos de lama quente emitem hidrogénio livre. A ideia dum balão surgiu naturalmente. Convenho em que a dificuldade de encontrar um envólucro me pôs, de princípio, em cheque. Mas revelou-se-me, ao ver as entranhas desses reptis. O resultado, ei-lo aí!

Com uma das mãos metida na abertura do casaco em frangalhos, apontava com a outra para o balão, que, completamente cheio, imprimia violentos puxões às amarras.

— Loucura furiosa! — grunhiu Summerlee.

Lord John não se sentia à vontade.

— Não é tolo, hein? — segredou-me ele. E, dirigindo-se a Challenger:

— Mas a barquinha?

— Estou-me ocupando dela. Já sei como hei de construí-la e pô-la no seu lugar. Por agora, limitar-me-ei a demonstrar-lhes que o meu aparelho tem força bastante para nos elevar.

— Todos juntos?

— Não. A minha ideia é que desçamos cada um por sua vez, como com um pára-quedas, e que de cada vez que desça o balão seja reconduzido para cima, por quaisquer meios que, sem grande dificuldade, idearei. Que ele leve cada um de nós por sua vez e o deixe descer docemente é tudo o que se lhe pede. Passemos à minha demonstração.

Foi buscar um grande bloco de basalto, apropriado de maneira a poder atar-se-lhe uma corda ao meio. Esta corda era aquela que nós tínhamos trazido para o pla-

nalto, depois de a termos utilizado para trepar à agulha rochosa. Tinha cem pés de comprido e, apesar de delgada, era muito sólida. Challenger tinha preparado uma espécie de colar de onde pendia um grande número de correias; colocou-o sobre a cúpula do balão, reuniu em baixo as correias, de maneira que todo o peso se repartisse por uma grande superfície e depois, tendo amarrado às extremidades das correias o bloco de basalto, atou-lhe a corda, que envolveu em torno do braço.

— Agora — disse ele, com um sorriso, antegosando o triunfo — vão ver o que + + + + o meu balão.

Dito isto, cortou as amarras.

A membrana, inchada, deu no ar um pulo e Challenger, arrancado do solo, seguiu atrás dela. Só tive tempo de lhe deitar os braços em volta da cintura e

por minha vez fui arrebatado. Os braços de lord John, como a mola duma ratoeira, agarraram-me as pernas, mas senti que também ele abandonava o chão firme. Durante um momento tive a visão de quatro aventureiros suspensos como uma enfiada de chouriços por cima da terra que tinham conquistado. Se parecia que não tinha limites o poder ascensional da infernal máquina, tinha-os, felizmente, a resistencia da corda, que bruscamente quebrou, caindo nós em monte, envoltos nos seus anéis. Ao levantarmos-nos avistámos no céu um ponto negro: era o bloco de basalto que fugia a toda a velocidade.

— Magnífico! — exclamou Challenger entusiasmado, esfregando o braço maguado. — Demonstração peremptória! Nunca poderia esperar semelhante éxito. Dentro duma semana, meus senhores, terei um outro balão, com o qual me encarrego de os pôr em segurança a caminho do regresso!

«Até aqui, tenho notado dia a dia o que nos ia acontecendo, mas agora é já no nosso



A corda bruscamente quebrou, caindo nós em monte...

acampamento, deixado à guarda de Zambo, que retomo a pena. Dificuldades e perigos, tudo isso deixamos como um sonho, atrás de nós, no cimo das grandes rochas vermelhas que tão altas se levantam por sobre as nossas cabeças, porque, enfim, nós já descermos, em condições bem imprevisíveis, mas sem estorvo de maior. Tudo vai bem. Dentro de seis semanas ou dois meses estaremos em Londres, talvez talvez ao mesmo tempo que esta carta.

Já os nossos corações se comovem e as nossas almas voam para essa cidade, guarda preciosa de tantas coisas que nos são caras!

Na tarde do dia da nossa perigosa aventura com o balão de Challenger, a nossa situação modificou-se. Já disse que os nossos projectos de partida só no chefe índio, que nós salváramos, encontravam alguma simpatia. Era ele o único que não desejava reter-nos contra nossa vontade numa terra estranha, conforme o que, por sinais, nos exprimia. Nessa tarde, ao crepúsculo, ele veio ter conosco ao nosso acampamento. Apresentou-me (porque ele testemunhava-me especiais atenções, talvez porque a idade nos aproximava) um pequeno rôlo de casca de árvore e, mostrando-me solenemente a fila das cavernas por cima de nós, pôs um dedo nos lábios, pedindo-me segredo; depois voltou para o seu povo. Levei o rôlo para junto do fogo e todos nós à sua luz o examinamos. Media cerca dum pé quadrado e na parte de dentro estavam alinhados uns sinais estranhos, assim figurados e dispostos:



Traçados nitidamente a carvão, deram-me à primeira vista, a impressão duma grossa notação musical.

— Seja o que fôr que isto signifique, juro que é importante — disse eu. — Li-o no rosto do índio, quando me entregou o rôlo.

— A não ser — disse Summerlee — que se trate dum farçante, porque, creio eu, o prazer da farça marca uma das fases do desenvolvimento do homem.

— Trata-se, evidentemente, duma espécie de escrita — disse Challenger.

— Dir-se-ia um 'puzzle' de concurso — observou lord John.

Esticava o pescoço para vêr melhor. De súbito, estendeu a mão e pegou no puzzle.

— By George! creio que atinei — exclamou ele. — Reparem. Quantos sinais há aqui? Dezoito. Ora notem que daqui deste lado da colina, por cima de nós, há dezoito aberturas de cavernas.

— Ele apontou-mas quando me entregou o rôlo — disse eu.

— Estamos elucidados: isto é uma planta das cavernas. Dezoito numa só fila, umas pouco profundas, outras mais, algumas divididas, como, de resto, já temos tido ocasião de verificar. Isto é uma planta. Há ali



Nessa tarde, ao crepúsculo, ele veio ter conosco ao nosso acampamento

uma cruz. Para que a fizeram? Para marcar uma caverna mais profunda do que as outras.

— Uma caverna que atravessa a muralha! — exclamei eu.

— Creio — disse Challenger — que o nosso amigo adivinhou. Se esta caverna não atravessa a muralha, então não vejo motivo para que alguém, que quer o nosso bem, tenha assim chamado a nossa atenção para ela. E se, de facto, ela a atravessa, para atingir o lado de lá, no ponto correspondente, não teremos de descer mais de cem pés.

— Cem pés! — resmungou Summerlee.

— A nossa corda tem mais de cem pés de comprimento, desceremos seguramente — disse eu.

Summerlee objectou:

— E os índios que ocupam essas cavernas?

— Ninguém as ocupa — respondi. — Servem de celeiros e armazens. Porque não iremos imediatamente fazer um reconhecimento?

Existe no planalto uma árvore resinosa — uma espécie de araucária, que os índios

empregam para fazer archotes. Cada um de nós se munuiu com um feixe de troncos secos dessa árvore e subimos a escada atapetada de herva que conduzia à caverna indicada com uma cruz no desenho. Encontrámo-la, como eu dissera, desocupada e só os morcegos, enquanto caminhávamos, volteavam por cima das nossas cabeças.

Para não despertarmos a atenção dos índios caminhámos às apalpadelas através das trevas e só depois de estarmos bastante longe e de termos dado muitas voltas é que acendemos enfim, os nossos archotes. Vimo-nos então num belo corredor, de paredes secas, pardas e lisas, ornadas de imagens; por cima arqueava-se a abóbada, no solo brilhava um saibro muito branco. Apresámos o passo, mas, de repente, parámos e o desapontamento arrancou-nos uma maldição: diante de nós erguia-se uma parede de rocha lisa, sem uma fenda por onde pudesse passar um rato. Por este lado não havia fuga possível.

Durante um momento ficámos imóveis, amargurados, franzindo os olhos diante do obstáculo: desta vez a parede não era o resultado duma convulsão, porque formava um todo com as paredes laterais. Era o que sempre fôra: um beco sem saída.

— Que importa, meus amigos — disse Challenger — se tem a promessa do meu balão? Summerlee lamentava-se.

— Não nos teríamos enganado na caverna? — lembrei eu.

— Não, meu rapaz — disse lord John, apontando para o solo — estamos, sem dúvida, na caverna marcada com a cruz, a décima sétima a partir da direita, a segunda a contar da esquerda.

Olhando para o sinal que me apontavam, escapou-me dos lábios um grito de alegria:

— Sim, julgo compreender tudo! Sigam-me! sigam-me!

Voltei rapidamente para traz.

— Foi aqui — disse eu, apontando para os fósforos que estavam espalhados pelo chão — que acendemos os nossos archotes?

— Perfeitamente.

— Segundo se vê no desenho, a caverna bifurca e nós passamos a bifurcação antes de termos acendido luz. Devemos, portanto, regressando sobre os nossos passos, encontrar o grande ramo da bifurcação.

Efectivamente, antes de trinta jardas andadas, vimos na parede a entrada duma galeria muito mais larga. Precipitámo-nos

para lá e, apressando a marcha, respirando a custo na nossa impaciência, percorremos a galeria na extensão de algumas centenas de jardas. De súbito, um clarão avermelhado que na nossa frente cortava a obscuridade atraíu os nossos olhares surpresos: um lençol de fogo parecia interceptar o corredor, vedando-nos o caminho. Não produzia ruído, nem calor, não se agitava sequer, mas iluminava toda a caverna, mudando em diamantes os grãos de areia. Ao aproximarmos vimos o rebordo dum disco.

— A lua, *by George!* — exclamou lord Roxton. — Atravessamos, meus filhos, atravessamos!

Era com efeito a lua cheia que brilhava numa abertura da muralha. Esta abertura não tinha mais largura do que uma janela, mas bastava para o nosso intento. Debruçando-nos, verificámos que a pouca altura a que estávamos do solo nos tornava fácil a descida. Não tínhamos que nos admirar de que ela nos tivesse escapado à vista, lá de baixo, porque a saliência da muralha tirava toda a esperança de qualquer ascensão neste sítio e por consequência não provocava uma inspecção atenta e demorada. Verificámos ainda que com a nossa corda podíamos ir até lá abaixo e em seguida voltámos contentes a fazer os nossos preparativos para a noite seguinte.

Tínhamos que fazer tudo rápida e secretamente, receando que à última hora, os índios procurassem reter-nos. Abandonámos as provisões, levando só as armas e as munições. Mas Challenger tinha um objecto muito incómodo de que não queria separar-se e um fardo especial acerca do qual nada posso dizer senão que nos deu mais trabalho do que todo o resto. O dia decorreu lentamente e quando a noite chegou encontramos-nos prontos a partir.

Tivemos grande dificuldade em transportar as nossas bagagens até ao cimo da escadaria e uma vez ali voltámos e lançámos o último olhar a essa estranha terra que — receio o bem — não tardará a banalizar-se, tornando-se presa de caçadores e reclamistas, mas que para nós ficará sendo sempre uma terra de sonho, encantada, romanesca, onde muito sofremos e muito aprendemos: a nossa terra, porque será assim que sempre lhe chamaremos, ternamente. A nossa direita as fogueiras das cavernas alegravam as trevas. Ao longo dos declives que dominávamos, do alto, subiam as vozes dos índios, cantando e rindo. Para além estendia-se a massa dos arvoredos, no meio dos quais reluzia vagamente o lago, gerador de monstros. Um grande grito de qualquer animal fantástico, rasgou as trevas: a Terra de Maple White dizia-nos adens. Penetrámos na caverna, no fim da qual começava o caminho do regresso à pá-

tria. Duas horas depois estávamos com os volumes da nossa bagagem no sopé da muralha. Só a bagagem de Challenger nos tinha embaraçado. Deixando tudo naquele mesmo sítio, partimos imediatamente para o acampamento de Zambo e ficámos muito admirados quando, ao aproximarmos-nos, vimos na planície não uma só fogueira, mas uma dúzia delas. Esses fogos anunciavam-nos a chegada de socorros. Estavam ali vinte índios, vindos do rio com estacas, cordas e tudo o mais que podíamos precisar para atravessar o abismo.

Com a sua presença, ao menos, já não teremos dificuldades para o transporte das nossas bagagens quando, amanhã de manhã, tomarmos o caminho do Amazonas.

CAPÍTULO XVI

UM CORTEJO! UM CORTEJO!

Quero aqui deixar expressa a nossa gratidão a todos os nossos amigos do Amazonas



Cada um de nós se muniu com um feixe de troncos secos

pelas amabilidades e hospitaleiros cuidados de que nos rodearam durante a nossa viagem de regresso. Em particular, agradeçerei ao sr. Pmeblosa e outros agentes do governo brasileiro, que com várias medidas nos facilitaram o caminho e ao sr. Pereira, do Pará, a cuja previdência devemos o termos podido aparecer decentemente perante o mundo civilizado. Prevenimos os nossos amigos que nos hospedaram de que perderiam o seu tempo e o seu dinheiro se tentassem fazer sobre os nossos passos a nossa viagem. Poderá parecer que com este procedimento retribuimos mal o seu devotamento e cortezia,

mas as circunstâncias não nos permitiam outro modo de proceder. Repito que, no meu relato, mudei até os nomes dos lugares. Seja qual for o estudo que sobre ele se faça, estou certo de que a nossa terra desconhecida, para quem tentar aproximar-se dela, ficará a muitos milhares de milhas.

Considereei como puramente local a excitação que por toda a parte se manifestava à nossa passagem, na América do Sul e garantando aos nossos amigos ingleses que não fazíamos a menor idéa da emoção suscitada na Europa por alguns vagos rumores, que acerca das nossas aventuras tinham corrido.

Os inúmeros radiogramas que, no momento em que o *Ixernia* chegava a quinhentas milhas de Southampton, se sucediam, oferecendo-nos quantias enormes das agências e jornais em troca de algumas palavras sobre os resultados positivos da nossa viagem, bastaram para nos mostrar até que ponto vibrava a curiosidade não só do mundo científico, mas também do público em geral. Decidimos não fazer nenhuma comunicação à imprensa senão depois de termos falado com os membros do Instituto Zoológico: éramos seus delegados, tínhamos o seu mandato, a eles devíamos os primeiros esclarecimentos sobre as nossas investigações. Em Southampton, assaltados pelos jornalistas, recusámo-nos a dar qualquer informação, o que teve por efeito concentrar a curiosidade pública sobre a reunião anunciada para a noite de 7 de Novembro. A sala do Instituto, onde a nossa missão nascera, pareceu insuficiente para esta reunião e, por fim, não se encontrou outra bastante vasta senão o Queen's-Hall, em Regent-Street. Sabe-se hoje que os promotores, tendo pensado no Albert-Hall, o acharam ainda de proporções muito restritas.

A reunião devia efectuar-se dois dias depois da nossa chegada. Tínhamos, felizmente, bastantes assuntos pessoais para nos ocuparmos até esse dia.

Dos meus assuntos prefiro por enquanto não falar; talvez quando os factos sejam menos recentes me seja menos penoso pensar e falar nessas coisas. Mostrei, no princípio desta história, os motivos do meu procedimento; deveria, sem dúvida, concluir por mostrar os seus resultados. Quem sabe, todavia, se um dia não virá em que lastimarei que se tivesse dado o que se deu? Saíndo duma incrível aventura só posso ser grato à força que me empurrou para ela.

Chegámos ao último acontecimento digno de ser narrado. Enquanto pergunto a mim mesmo como o contarei, os meus olhos caem sobre a notícia publicada no meu jornal, com data de 8 de Novembro, feita pelo meu camarada e amigo Macdona.

(Continua)

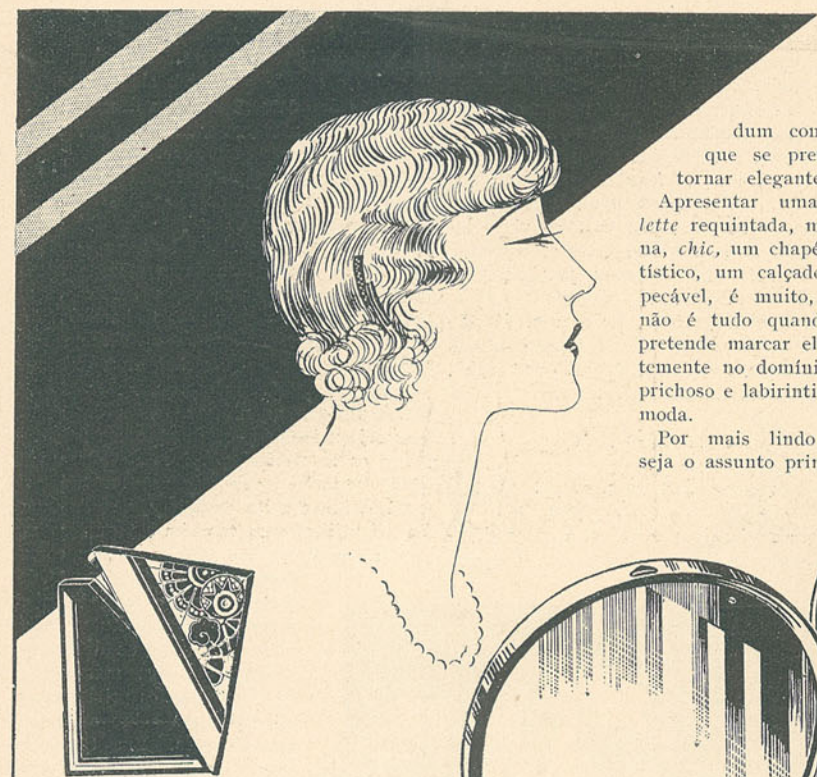
os objectos minúsculos que o bom gosto manda seleccionar e combinar cuidadosamente: a pequena travessa que segura as rebeldias do cabelo anelado à maneira moderna, deve condizer, no desenho, côr e qualidade, com o pequenino estojo de *toilette* que guarda o pó de arroz, o *rouge*, com as respectivas *houpetes* e o indispensável esprelhinho, com a minúscula cigarreira — não está estabelecido que a mulher *chic* deve fumar?... — com o punho da sombrinha e o fecho do saco de mão.

— Mas — objectarão as leitoras apreensivas — não é fácil encontrar todos êsses objectos agrupados em colecção apimorada.

dum conjunto que se pretende tornar elegante.

Apresentar uma *toilette* requintada, moderna, *chic*, um chapéu artístico, um calçado impecável, é muito, mas não é tudo quando se pretende marcar elegantemente no domínio caprichoso e labirintico da moda.

Por mais lindo que seja o assunto principal



AS PEQUENAS COUSAS DE TOILETTE

Há pequeninos nadas na *toilette* feminina que muitas senhoras, erradamente desdenham, julgando-as dispensáveis. Essas pequeninas cousas supérfluas, são, porém, poderosos elementos de realce e harmonia

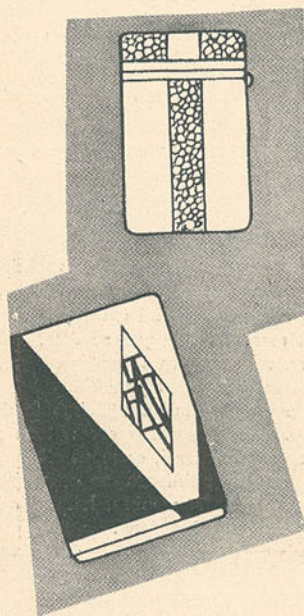


Não é fácil, efectivamente, encontrar à venda essas *parures* completas, e quando tal succedesse, custariam pequenas fortunas. Mas, o que o comércio não nos facilita, pode consegui-lo o bom gosto e a paciência feminina agrupando pacientemente êsses objectos de maneira a conseguir um conjunto harmonizante, mercê do qual uma mulher verdadeiramente elegante pode marcar na sua *toilette* uma nota de impressionante personalidade e distinção.

dum quadro, ou o desenho melódico dum trecho musical, o artista prepara-lhe sempre um fundo rico de colorido ou de som, que, valorizando o tema, lhe prepara o preciso realce.

Assim succede também com a *toilette*. Os elementos citados são importantíssimos mas carecem dos precisos complementos, êsses pequenos nadas que, por comodidade, hábito ou indicação da moda, tôdas as senhoras elegantes usam, mas aos quais nem sempre prestam atenção escolhendo-os, conjugando-os e aplicando-os com delicado cuidado estético.

O saco de mão, as luvas, os pequeninos utensílios de *toilette* — de que nenhuma senhora elegante prescinde — constituem outros tantos componentes dum conjunto de *chic* requintado e harmónico. É, por exemplo, de bom gosto, aliar-se o chapéu, com a mala ou saco de mão, as luvas, o calçado e a sombrinha. Mas temos ainda



O CHÁ

Há pessoas que afirmam ser o chá verde prejudicial à saúde; outras consideram-no mais inocente que o chá preto. A verdade é que a questão não está esclarecida, ou antes, não pode decidir-se com essa simplicidade. O chá preto e o chá verde podem provir da mesma variedade de planta, diferindo somente porque o primeiro é sujeito a uma fermentação a que se não submete o segundo.

Não se conhecem as modificações químicas que o chá sofre com a fermentação. Ele contém, tanto o preto como o verde, certa porção de tanino, teína, que é um alcaloide



Plantação de chá

A folha do chá é oval, com bordos deitados a partir de certa distância do peciolo, semi-cilíndrico, muito curto. As primeiras colheitas fazem-se juntamente com a limpeza do arbusto para lhe formar o pé. Aproveita-se o gomo terminal dos ramos que se

preto, submetendo as folhas que hão de constituir este último ao trabalho da fermentação.

Esta é realizada por fermentos contidos nas próprias folhas do chá. Para a facilitar, estendem-se estas em camada delgada, e termina-se essa fermentação quando as folhas atingem determinada cor, transportando-as para um secador por onde passa ar aquecido a alta temperatura.

Assim se obtêm folhas de chá que saem catalogadas da própria fábrica segundo a sua qualidade. Na secagem de algumas misturam plantas aromáticas que dão ao produto aromas e sabores especiais, conforme os mercados a que se destinam. Mesmo quando essa mistura aromática se não faça, o chá difere conforme o cuidado de preparação e a proveniência da folha. O chá de Assam tem mais forte aroma que o da China. Este, em compensação, provém das plantas mais resistentes às condições desfavoráveis do clima e das estações.

Eis, a traços largos, a descrição das transformações a que é submetida a folha de chá, desde que é colhida nos campos asiáticos até que chega às nossas mesas. A sua infusão constitui, para nós, uma bebida agradável e, até certo ponto, útil, quando tomada naquela justa medida a que submetem todos os seus actos as pessoas sensatas.

F. MIRA.



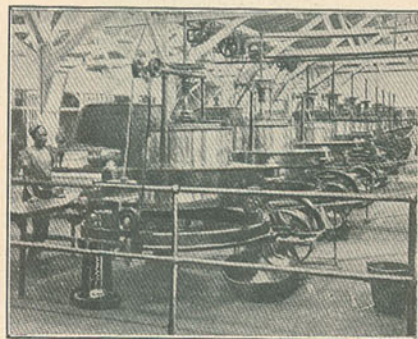
Escolha das folhas do chá

idêntica à cafeína, um óleo essencial a que deve parte do seu aroma, um fermento oxidante, a teína, e ainda outras substâncias. A teína é um estimulante nervoso, que causa insónias, sendo principalmente por sua causa que se não deve beber muito chá. Ora, tanto em variedades de chá preto como em outras de chá verde, se encontram algumas que são escassas de esse alcaloide, tendo, aliás, ótimo aroma e sabor.

Na Europa usam principalmente chá preto; na América do Norte quase exclusivamente chá verde. Vem-nos da Ásia e do arquipélago malaio, onde existem muitas raças de plantas, pertencentes a uma só espécie. Nas plantações empregam-se também híbridos, cujo desenvolvimento é mais rápido e adquire maiores proporções que o das raças que lhes deram origem.

cortam e as duas primeiras folhas, deitando fora as restantes, velhas, coriáceas, que só dariam produtos de qualidade muito inferior. Feito o pé, aproveitam-se, em cada ramo, três ou mesmo quatro folhas.

Trazem-se estas para a fábrica em cestos ou panos, não amontoando grandes quantidades para evitar fermentações extemporâneas. Aí dispõem-se em camadas pouco espessas e submetem-se, em secadores apropriados, a correntes de ar seco e quente que lhes tiram uma parte da água. Depois enrolam-se, trabalho que antigamente se fazia à mão e a que hoje se procede por meio de aparelhos especiais, e passam-se por crivos que separam, por um lado, as folhas demasiadamente pequenas, por outro os agregados de folhas que se não desfazem. É neste ponto que se separa o chá verde do chá

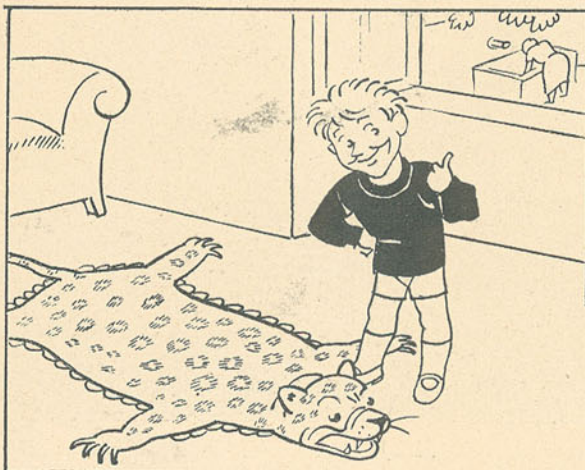


Bateria de secadores

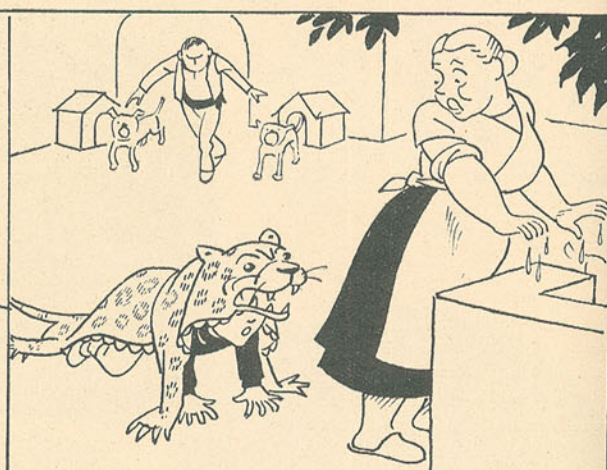
PÁGINA INFANTIL

LEGENDAS DE E. FIÉCE

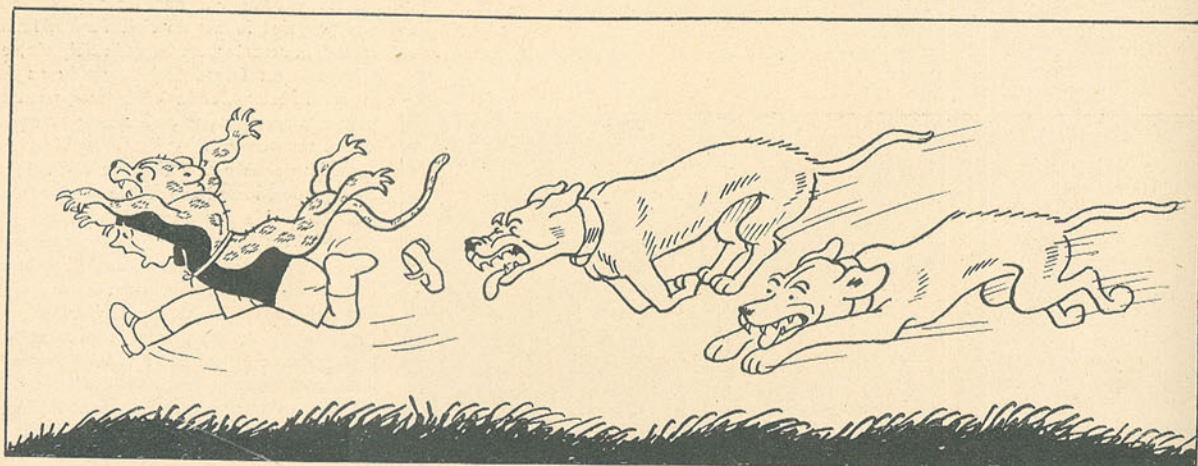
DESENHOS DE EMMÉRICO NUNES



Tempo de férias. Na quinta,
Onde está passando o v'rao,
Ao Necas tudo lhe serve
De prazer e distração.

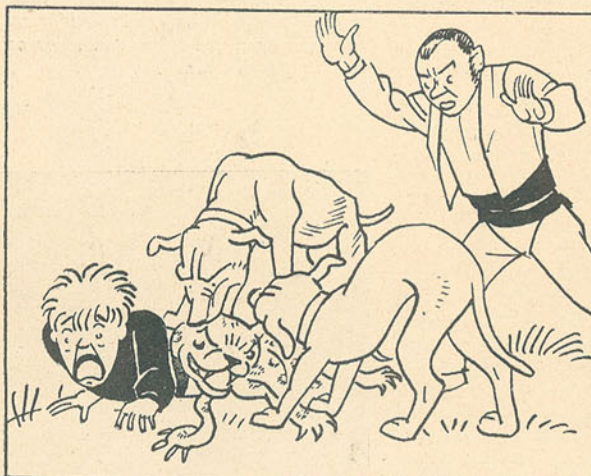


O tapete... a cosinheira,
Que lava couves na bica...
— Vou meter-lhe um destes sustos,
Que a Rosa sem fala fica!

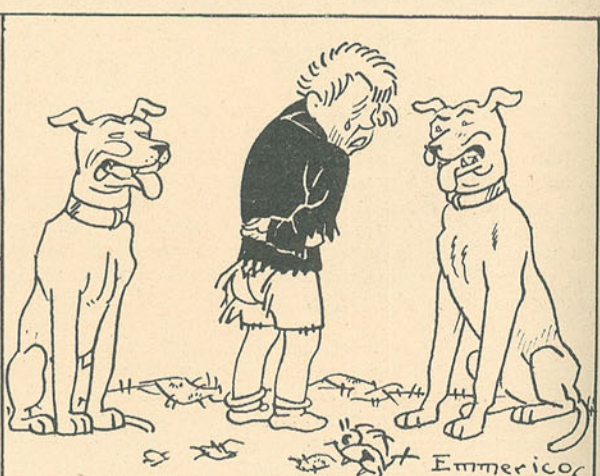


Mas o Zé Manel, caseiro,
Vendo a Rosa em transe tais
Contra a «fera» açula os cães,
Dois valentes animais.

Sôbre o matreiro «leopardo»
Os dois cães se precipitam.
Grita o Necas, sem pensar
Que as feras mordem, não gritam.



Ao fim de longa corrida,
Todos três pelo chão rolam.
Mordendo e rosnando, os cães
Logo ali a «fera» esfolam.



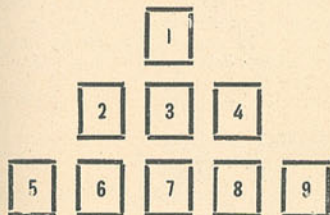
Vendo-o quase sem calções,
Diz-lhe, sonso, o Zé Manel:
— Quem não quiser ser leopardo
Não deve vestir-lhe a pele!...



Passatempo

UM TRIANGULO CURIOSO

(Problema)



De um barulho de cartas tiram-se nove cartas brancas de um só naipe e colocam-se por ordem, na forma em que o fazemos aqui, substituindo cada carta pelo seu valor, para mais clareza.

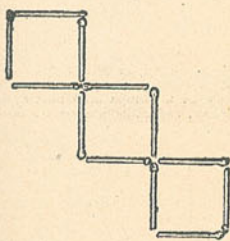
Agora, o problema consiste em dispôr as cartas num triângulo, da mesma forma que o da nossa figura; porém, de maneira que as que formem a base somem o dôbro do número total de cartas, ou seja 18, e o mesmo somem as que formam cada lado, as que contituem a linha mediana vertical e as que compõem a linha mediana horizontal.

O problema, repetimos, tanto se faz com as cartas, como com os números, que representam o seu valor.



A DESAPARIÇÃO DE UM QUADRADO

(Solução)



Desejo comprar um revólver que seja bom, — disse, entrando na loja, um freguez com ar decidido.

— Sim, senhor. Quere com seis cargas? — perguntou o lojista.

— Hum... talvez... seja melhor com nove. É para matar um gato lá perto da minha casa.



AJUDANDO

AO ROUBO

Lembrou-se um dia um ladrão de levar um relógio dos aposentos de Luís XIV, mas justamente quando o estava tirando da parede, entrou o rei. O ladrão não se atrapalhou, disse apenas em voz alta: — Parece-me que a escada está a escorregar.

Julgando que o homem fôsse um criado que estivesse tirando o relógio para baixo, por precisar de qualquer concerto, o rei segurou a escada, com receio dum desastre; mas horas depois, informaram-no

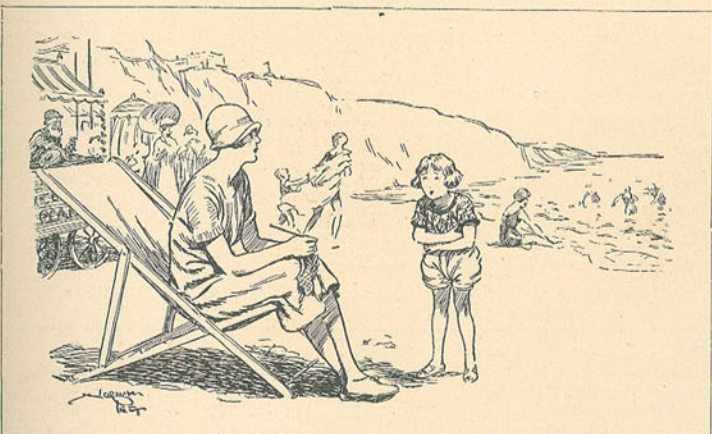
Dê-se à página um movimento horizontal, quer de vai-vem, para um ou outro lado, quer ligeiramente rotativo, fitando a vista no círculo branco central. Ver-se-hão todos os círculos pretos concêntricos como que rodando uns em volta dos outros, em rápido movimento rotativo, de interessante aspecto e de agradável efeito. Os círculos *straboscópicos* foram primitivamente apresentados por um físico inglês de reputação, chamado Thompson.

de que o relógio havia sido retirado duma das salas por pessoa desconhecida.

— Não falem mais nisso — disse o rei, rindo. Eu sou cúmplice do ladrão, estive a amparar-lhe a escada, enquanto ele tirou o relógio da parede.



Onde estão os seus companheiros?
(Não estão longe. Procurem-os e encontrá-los-ão).



EXACTIDÃO GEOGRÁFICA

Nini: — Ó mamã, sempre tenho aqui uma dor!
A mãe: — Aonde minha filha?
Nini: — No sítio onde está o pudim.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO
SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- AGRAVES (J. D') — *Le Dernier Faune*. 10 fr.
 AMIC (H.) — *L'Amant marié*. 10 fr.
 ANNIEL (PIERRE D') — *Qui sème l'amour...*
 10 fr.
 BACHELIN (HENRI) — *Le Taureau et les*
Bœufs. 10 fr.
 CHARMY (ROLAND) — *Vertu de province*. 9 fr.
 CHRISTIE (A.) — *Le Meurtre de Roger*
Ackroyd. 6 fr. 50.
 DAUBRIVE (MARCE) — *La Cité Luxurieuse*. 9 fr.
 DROZ (GUSTAVE) — *Babolain*. 12 fr.
 ÉRIANDE (ALBERT) — *La Vipère dorée*. 10 fr.
 JEAN-RENAUD — *Le Boul de rail*. 12 fr.
 KERLECQ (JEAN DE) — *La Pantera*. 9 fr.
 KESSEL (J.) — *Terre d'amour*. 12 fr.
 MARTIN-CHAUFFIER (LOUIS) — *L'Amant des*
honnêtes femmes. 12 fr.
 PUJOL (RENÉ) — *Lévy-Durand, banquier*. 9 fr.
 ROSNY AINÉ (J.-H.) — *La Fille d'affaires*.
 12 fr.
 SILVESTRE (CHARLES) — *Amour Sauvage*. 12 fr.

ENSaios e Crítica

- CALVET (J.) — *Le Renouveau catholique dans*
la littérature contemporaine (1900-1927). 18 fr.
 CHARPENTIER (JOHN) — *Le Symbolisme*. Com
 um florilégio de escritores simbolistas. 12 fr.
 CHESTERTON — *L'Homme Eternel*. Trad. do
 inglês por Maximilien Vox. 18 fr.
 CLERC (CHARLES) — *Romaniques et romanes-*
ques. 4 fr.
 FRUGERE (A.) — *Un grand amour romantique*.
George Sand et Alfred de Musset. 12 fr.
 HENRIOT (EMILE) — *Eloge de la curiosité*. 5 fr.
 LASSERRE (PIERRE) — *Dès romantiques à nous*.
 12 fr.
 LEGER (CHARLES) — *À la recherche de Balzac*.
 50 fr.
 LE PETIT (CLAUDE) — *La chronique scanda-*
leuse ou Paris ridicule. 15 fr.
 MOREUX (ABBÉ TH.) — *Le ciel et l'univers*.
 12 fr.
 MAURRAS (CHARLES) — *Réflexions sur l'ordre*
en France. 20 fr.
 RILKE (RAINER MARIA) — *La Chanson d'amour*
et de mort du Cornelle Christophe Rilke. Trad.
 do alemão por Kra. 25 fr.
 ROSNY (J. H.) AINÉ — *Mémoires de la vie lit-*
éraire. L'Académie Goncourt. Quelques édi-
 teurs, Les Salons, 12 fr.
 SEGUR (NICOLAS) — *Dernières conversations*
avec Anatole France. 12 fr.
 VALÉRY (PAUL) — *Notes sur la grandeur et la*
décadence de l'Europe. 20 fr.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- ARTHUR (H.), SMITH (D. D.) — *Mœurs curieu-*
ses des Chinois (Chinese characteristics). 25 fr.
 HANOTAUX (GABRIEL) — *Histoire de la Nation*
française dès origines préhistoriques jusqu'à
nos jours (1920). Histoire économique et finan-
 cière de la France, por Germaine Martin. 65 fr.
 HAYWARD (FERNAND) — *Le Dernier Siècle de*
la Rome pontificale. Clément XIV, Pie VI,
 Pie VII (1769-1814). 15 fr.
 MELGOUNOV (S.-P.) — *Le Terreur rouge en*
Russie (Études, Documents et Témoignages).
 20 fr.
 SCHOULGUINE (VASSILI) — *La Résurrection de*
la Russie. Mon voyage secret en Russie sovi-
étique. (Études, Documents et Testemunhos).
 20 fr.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

SCIÊNCIAS CIVIS

- GERIN (O.-J.) — ESPINADEL (C.) — *La Publi-*
cité suggestive. 50 fr.
 POLITIS (NICOLAS) — *Les Nouvelles Tendan-*
ces du droit international. 12 fr.
 SAVATIER (R.) — *La Russie bolcheviste vue à*
travers ses lois. 7 fr. 50.

BELAS-ARTES

- ADELIN (JULES) — *Lexique des termes d'art*.
 18 fr.
 AVELINE (CLAUDE) — *Rodin, l'Homme et l'Oeu-*
vre. 30 reproductions. 15 fr.
 BERNARD (EMILE) — *L'Esthétique fondamen-*
tales et traditionnelle. 50 fr.
 BERNARD (EMILE) — *La Rénovation esthétique*.
 200 fr.
 BERNARD (EMILE) — *Réflexions d'un témoin*
de la décadence du beau. 25 fr.
 BERNARD (EMILE) — *Sur l'art et sur les ma-*
îtres. 25 fr.
 FAURE (ELIE) — *L'Esprit des formes*. Coll.
Histoire de l'Art. 60 fr.
 GHYKA (MATILIA C.) — *Esthétique des propor-*
tions dans la nature et dans les arts. 40 fr.
 WILLUMSEN (J. M.) — *La Jeunesse du peintre*
El Greco, 2 vol. 350 fr.

MEDICINA

- CATHELIN — *L'énigme étiologique du cancer*.
 15 fr.
 DESCHAMPS (A.) e VINCHON (J.) — *Les mala-*
dies de l'énergie. 40 fr.
 FAY (H.-M.) — *Huit leçons de psychiatrie*
infantile à l'usage des éducateurs. 4 fr.
 FLEURY (L. MAURICE DE) — *Le Médecin*. 6 fr.
 FREUD (DR. SIGM.) — *Essais de psychanalyse*.
 I — *Au delà du principe du plaisir*. II — *Psy-*
chologie collective et analyse du «moi». III —
Le «moi» et le «soi». IV — *Considérations*
actuelles sur la guerre et sur la mort. V — *Con-*

tribution à l'histoire du mouvement psychana-
 lytique. 20 fr.

GALTIER-BOISSIERE (DR.) — *Dictionnaire illus-*
tré de médecine usuelle. 40 fr.

YAZMADJIAN — *Essai de psycho-pathologie gé-*
nérale de la fugue. Fugues infantiles. Etude de
clinique neuropsychiatrique. 20 fr.

MORAL, FILOSOFIA E RELIGIÕES

- ALLO (R. P. BERNARD) — *Le Scandale de Jé-*
sus. 12 fr.
 ARUNDAL (GEORGE) — *Nirvana*. 12 fr.
 BAILLOT (A.) — *Influence de la philosophie de*
Schopenhauer en France (1860-1900). 40 fr.
 HAVELLOCK HELLIS — *L'Éducation sexuelle*.
(Études de psychologie sexuelle — VII). Trad.
 por A. Van Gennep. 18 fr.
 LEMARIE (O.) — *Esquisse d'une philosophie*
40 fr.
 LEVY-BRUHL — *L'Âme Primitive*. 50 fr.
 MARITAIN (JACQUES) — *Art et Scolastique*.
 20 fr.
 MASSERON (ALEXANDRE) — *Légendes franci-*
caines. 10 fr.
 MELY (F. DE) — *Les dieux ne sont pas morts*.
 45 fr.
 MICHAUD (RÉGIS) — *L'Esthétique d'Emerson*.
 12 fr.
 PAUCHET (DR. VICTOR) — *Le Chemin du bo-*
nhheur. 20 fr.
 PIERRE (ABBÉ JULES) — *L'Immoralisme de M.*
Charles Maurras ou Trente années de guerre
contre la morale chrétienne. 3 fr.
 SEILLIERE (ERNEST) — *Morales et Religions*
nouvelles en Allemagne. 25 fr.
 SAINT THOMAS D'AQUIN — *Somme théologi-*
que. I. Dieu. 25 fr.

SCIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

- BOURDEAU (JEAN) — *La Dernière Évolution du*
socialisme au communisme. 12 fr.
 CLEMENCEAU (G.) — *Au soir de la pensée*.
 70 fr.
 CHOULGUINE (ALEXANDRE) — *Moscou et le*
Cauchemar rouge. 9 fr.
 LAO-P'ONG-YO — *La Chine nouvelle. Le Dou-*
ble Dragon chinois: jaune ou rouge? 18 fr.
 MAURRAS (CHARLES) — *Le Mauvais Traité. De*
Versailles à Locarno. 22 fr.

«PARIS-MADRID» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Em presença dum número do novo periódico semanal que, sob o título *Paris-Madrid*, se edita agora na capi al francesa tendo como director geral o sr. J. Ruiz de Aranda, devemos concluir que possui a Europa mais uma revista esplêndida. Seu texto interessa, especialmente, toda a massa latina, quer europeia quer americana. Apresenta-se redigida em lingua espanhola e no seu elenco de colaboradores figuram nomes muito illustres, sem exclusão dos portugueses. Citamos alguns: J. H. Rosny Jeune, Carmen de Burgos, Franc's de Miomandre, E. Giménez Caballero, Júlio Dantas, José Francés. Sua execução gráfica nada ofusca o valor dos artigos que insere.

Continuamos a receber o *Mundo Ibérico*, revista de Barcelona que o sr. Mario Verdaguer dirige. Todos os seus números se caracterizam por uma selecta colaboração literária e artística. Seu texto é variado e suas gravuras primorosas, sobretudo as que reproduzem obras de arte pictural.

A Itália não prescinde de marcar também realza no campo das Art's Decorativas. Em Monza effectua ela, já há três anos, uma exposição dessa índole, cuja importância crescente se pode avaliar pela memória-catálogo relativa ao certame deste ano, que nos foi enviada, e constitui uma brochura de belo aspecto, muito illustrada. Esta exposição de Monza é internacional: vinte nações se fizeram representar na do ano transacto. A alludida brochura não descura a propagand'a, que a Itália está hoje tornando tão intensa, dos attributos turísticos da região, que é cheia de atractivos em monumentos e paisagens.

Registamos também um valioso estudo dos srs. A. Gruel e E. Antraygues sobre *L'Industrie des Pêches sur la Côte Occidentale du Maroc*. Abundantemente illustrad, esta brochura colhe-se informações preciosas concernentes ao assunto indicado no título. Seus autores traçam-nos um quadro completo da exploração das riquezas marítimas de Marrocos.

HENRI MASSIS



Filósofo e escritor francês, autor do notável trabalho *Défense de l'Occident*, verdadeiro grilo de alarme que está repercutindo em muitos espíritos. Que nem todos aceitem as suas soluções, abertamente neo-tomistas; mas as restantes ideias expressas nessas páginas a respeito dos perigos que ameaçam, por parte da Alemanha, da Rússia, da Índia e da China, a civilização ocidental, de origem greco-latina, testemunham um acurado poder de análise sobre os acontecimentos políticos e sociais da nossa época. E não falta neste livro o estilo admirável do homem de letras já consagrado no *Sacrifice* e nos *Jugements*.

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados..	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49\$00	96\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados..		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados..		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

O LIVRO DE BEBÊ

Livro Util e Indispensável
às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O primeiro passeio, O registo, O baptizado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos cabelos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositários

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

VOGA



Emmerico

**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND
APARECE BREVEMENTE**